

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA

MARIO ROBERTO DE MESQUITA MARTINS

ANÚNCIO E VIVÊNCIA DA FÉ EM TEMPOS DE REDE

Porto Alegre
2024

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA

MARIO ROBERTO DE MESQUITA MARTINS

ANÚNCIO E VIVÊNCIA DA FÉ EM TEMPOS DE REDE

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, da Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Tiago de Fraga Gomes

Porto Alegre

2024

Ficha Catalográfica

M582a Mesquita Martins, Mario Roberto de

Anúncio e Vivência da fé em tempos de rede / Mario Roberto de Mesquita Martins. – 2024.

80.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Tiago de Fraga Gomes.

1. Teologia da Comunicação. 2. Teologia Sistemática. 3. Cultura Digital. I. Fraga Gomes, Tiago de. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

MARIO ROBERTO DE MESQUITA MARTINS

ANÚNCIO E VIVÊNCIA DA FÉ EM TEMPOS DE REDE

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia, da Escola de Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Tiago de Fraga Gomes

Aprovada em 28 de fevereiro de 2024, pela Comissão Examinadora.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Tiago de Fraga Gomes – PUCRS (Orientador)

Profa. Dra. Rosângela Florczak de Oliveira – PUCRS

Prof. Dr. Filipe Alves Domingues – PUG – Itália

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por esta oportunidade de estudar para melhor servir o Reino, a minha Congregação, a Pia Sociedade de São Paulo na pessoa do Superior Provincial, Pe. Claudiano Avelino dos Santos. Agradeço a minha família por me incentivar na busca de crescer como pessoa.

Agradeço ao Prof. Dr. Tiago de Fraga Gomes, pela orientação e confiança na pesquisa; a todos os professores pela dedicação. Aos queridos colegas pelas partilhas e amizade durante esta jornada. A todos os colaboradores do PPG em Teologia da PUCRS, em especial a sra. Juliane Hammerschmidt sempre muito atenciosa.

Sou grato à amiga Aline Amaro pela amizade e por ter me apresentado a possibilidade de chegar até a PUCRS e à Diocese de Osório pela acolhida durante o período de estadia no Seminário e ao povo de Deus das paróquias que tive a alegria de conhecer.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar, sob o enfoque hermenêutico a partir ciberteologia, o anúncio da fé e a possibilidade de pensar e viver a fé nos tempos de rede. O questionamento nessa perspectiva seria: em uma sociedade plural, global e tecnológica, os cristãos não sofreriam algum impacto no seu modo de viver e pensar a fé? Qual ou quais os desafios formativos e pastorais que exigem um olhar reflexivo por parte de todos? O que a reflexão teológica pode oferecer de contribuição ao debate em torno das redes? A pesquisa contextualiza o Concílio Vaticano II, antes, durante e o período pós-conciliar diante do fenômeno da comunicação. A metodologia desta pesquisa dissertativa será baseada na aproximação indutiva, fenomenológica e hermenêutica. Verificam-se ao longo do trabalho, a evolução da perspectiva da Igreja sobre a comunicação e a sua missão na cibercultura, como os impactos advindos dos avanços tecnológicos na vivência da fé e o desenvolvimento de uma Teologia da Comunicação que dialogam com as linguagens da cultura digital visando enriquecer as propostas pastorais da Igreja.

Palavras-chave: Teologia da Comunicação. Teologia Sistemática. Cultura Digital.

ABSTRACT

The present work aims to analyze, under a hermeneutic approach based on cybertheology, the proclamation of faith and the possibility of thinking and living faith in online times. The question from this perspective would be: in a plural, global and technological society, wouldn't Christians suffer any impact on their way of living and thinking about faith? What are the formative and pastoral challenges that require a reflective look on the part of everyone? What can theological reflection offer as a contribution to the debate around networks? The research contextualizes the Second Vatican Council, before, during and the post-conciliar period in relation to the phenomenon of communication. The methodology of this dissertation research will be based on an inductive, phenomenological and hermeneutic approach. Throughout the work, the evolution of the Church's perspective on communication and its mission in cyberculture can be seen, such as the impacts arising from technological advances on the experience of faith and the development of a Theology of Communication that dialogues with the languages of culture digital format aimed at enriching the Church's pastoral proposals.

Keywords: Theology Communication. Theology Systematic. Digital Environment.

ABREVIATURAS E SIGLAS

CIC: Catecismo da Igreja Católica.

CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

CP: Instrução Pastoral *Communio et Progressio*, sobre os meios de comunicação social, do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais.

CT: Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, sobre a catequese do nosso tempo, do Papa João Paulo II.

DCIB: Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

DV: Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobre a Revelação Divina, do Concílio Vaticano II.

DVe: Instrução *Donum Veritatis*, sobre a vocação eclesial do teólogo, da Congregação para a Doutrina da Fé.

EG: Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, do Papa Francisco.

EN: Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, sobre a evangelização no mundo contemporâneo, do Papa Paulo VI.

FT: Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social, do Papa Francisco.

GME: Discurso *Gaudet Mater Ecclesia* na abertura solene do Concílio Vaticano II, do Papa João XXIII.

GS: Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo atual, do Concílio Vaticano II.

IM: Decreto *Inter Mirifica*, sobre os meios de comunicação social, do Concílio Vaticano II.

LG: Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja, do Concílio Vaticano II.

LS: Carta Encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado da casa comum, do Papa Francisco.

DC: Diretório para a Catequese

DMCS: Mensagem para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais, do Papa Bento XVI.

DMCS: Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais, do Papa Francisco.

DMCS: Mensagem para o 53º Dia Mundial das Comunicações Sociais, do Papa Francisco.

MP: Carta Encíclica *Miranda Prorsus*, sobre a cinematografia, a rádio e a televisão, do Papa Pio XII.

PA: Carta Encíclica *Pieni L'Animo*, sobre o clero na Itália, do Papa Pio X.

PDG: Carta Encíclica *Pascendi Dominici Gregis*, sobre as doutrinas modernas, do Papa Pio X.

RSP: Radiomensagem na Solenidade de Pentecostes, do Papa Pio XII.

VC: Carta Encíclica *Vigilanti Cura*, sobre o cinema, do Papa Pio XI.

VD: Exortação Apostólica *Verbum Domini*, sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja, do Papa Bento XVI.

VG: Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium*, sobre as universidades e as faculdades eclesiais, do Papa Francisco.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
1 DO PÚLPITO ÀS REDES: A IGREJA E O MUNDO DA COMUNICAÇÃO.....	24
1.1 COMUNICAÇÃO E CULTURA ANTES DO CONCÍLIO VATICANO II	25
1.2 COMUNICAÇÃO E CULTURA NO CONCÍLIO VATICANO II.....	31
1.3 COMUNICAÇÃO E CULTURA APÓS O CONCÍLIO VATICANO II.....	36
2 EM TEMPOS DE REDES: FÉ E ANÚNCIO DO EVANGELHO.....	44
2.1 FÉ EM TEMPOS DE REDE: COMPREENSÃO E ANÚNCIO	44
2.2 TEOLOGIA EM TEMPOS DE REDE	52
3 DAS REDES À VIVÊNCIA DA FÉ: PROPOSTAS PASTORAIS.....	63
3.1 <i>QUERIGMA</i> EM TEMPOS DE REDES.....	63
3.2 CATEQUESE EM TEMPOS DE REDES	71
3.3 VIVÊNCIA DA FÉ EM TEMPOS DE REDES.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS.....	83

INTRODUÇÃO

As reflexões teológicas acompanham as mudanças do mundo e dão origem a estudos, tentativas de respostas que buscam ajudar a Igreja em sua missão de anunciar o evangelho. Nessa perspectiva, a Igreja no Concílio Vaticano II percebeu que sua linguagem precisava ser atualizada para que a mensagem do evangelho fosse melhor compreendida.¹ Nesse sentido, por meio do decreto *Inter Mirifica*,² buscou-se uma maneira de renovar a sua atuação pastoral servindo-se dos meios de comunicação social, pois a Igreja era consciente de sua missão de levar a mensagem de Jesus Cristo a todos, valendo-se dos instrumentos úteis para este fim.

O decreto *Inter Mirifica* foi um marco na reflexão da Igreja em seu entendimento sobre o uso dos meios de comunicação como aliados em sua missão. Tal reflexão possibilitou inúmeras pesquisas e análises que acompanharam o surgimento de novas tecnologias, como a internet. Nesse sentido, nos dias atuais são imprescindíveis estudos que considerem uma integração entre teologia e comunicação para compreender os impactos da rede na vida das pessoas.

A presente pesquisa, a respeito da ciberteologia, está em continuidade com a preocupação da Igreja de alcançar as pessoas no seu trabalho de evangelização que requer, cada vez mais, reflexão a respeito não só dos meios, mas da linguagem adequada para chegar à vida das pessoas. Para tratar sobre o tema da ciberteologia, fundamentamo-nos sobretudo nos estudos do jesuíta italiano Antonio Spadaro que sistematizou tal conceito.³

Essas transformações foram tão impactantes que constituíram a revolução da tecnologia da informação, caracterizada pela aplicação veloz de conhecimentos, possibilitados por tecnologias que amplificam e estendem as capacidades humanas.⁴ Essas modificações atingem não só as forças produtivas, mas também a cultura da sociedade, da qual faz parte a experiência de fé.

¹ “Embora a teologia cristã nunca tenha desconhecido o papel da linguagem em sua própria constituição, em nossos dias, se lhe presta maior atenção. Por sua vez, a teologia pastoral e a catequética necessitam levar especialmente em conta o fator linguístico e sua influência na transmissão” (CAFFARENA, J. G. *Linguagem religiosa*. In: SAMANES, C. F.; TAMAYO-ACOSTA, J. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 428.

² TAVARES, P. A. *Inter Mirifica*: O divisor de água na relação da Igreja Católica com os meios de comunicação social. In: INTERCOM: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 2016, Goiânia.

³ SPADARO, Antonio. *Ciberteologia*: pensar o Cristianismo nos tempos da rede. São Paulo: Paulinas, 2012.

⁴ CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Trad. Roneide Majer. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

Quanto ao seu modo de atuar, a ciberteologia seria teologia no ciberespaço, enquanto recolhe a produção teológica nas redes; seria também teologia do ciberespaço, enquanto lista as contribuições para o estudo do ciberespaço; seria, por fim, teologia para o ciberespaço enquanto coleta os locais, como fóruns, sites e afins, em que se faz teologia na rede.⁵

A presente análise mostra-se relevante, considerando que as características intrínsecas do ciberespaço exercem influência significativa sobre a dinâmica da vivência religiosa do indivíduo, influenciando aspectos como a interpretação das Escrituras Sagradas, a percepção dos sacramentos, da liturgia e da moralidade, entre outros. No entanto, é importante ressaltar que tal investigação poderia ser conduzida sob a perspectiva de diversas disciplinas acadêmicas, como sociologia, psicologia ou ciências da religião. Contudo, para que a investigação se configure como um estudo teológico propriamente dito, é imprescindível que esteja fundamentada na fé, de modo que todas as considerações sejam contempladas sob esta ótica específica.⁶

O ambiente digital se revela como um novo domínio para a reflexão teológica, exigindo da ciberteologia a demonstração de que é viável realizar a reflexão teológica nesse meio, com suas peculiaridades em comparação com os ambientes tradicionais de prática teológica.⁷ A observação daqueles que investigam intensamente o meio digital revela uma tensão palpável para os que se apegam a uma compreensão estática da fé, que tentam restringir as novidades emergentes às categorias teológicas convencionais, sem reconhecer a necessidade de uma abordagem mais dinâmica e adaptativa em resposta às singularidades do ambiente digital.

Apoiamo-nos nesse estudo também em pesquisas como a de Amaro⁸ que em seu mestrado apresentou a dissertação intitulada *Cibergraça: fé, evangelização e comunhão nos*

⁵ MARTINO, Luís Mauro Sá. *Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais*. São Paulo: Paulus, 2016.

⁶ “Na perspectiva teológica, existem inúmeras formas de relacionar o campo teológico com o comunicacional. Atualmente, destacam-se seis abordagens: teologia e comunicação; teologia comunicativa; teologia sistemática da comunicação; teologia pastoral da comunicação; teologia moral da comunicação; ciberteologia ou teologia digital. Na primeira relação, a teologia vê a comunicação como uma área de conhecimento distinta que serve de auxílio para a reflexão teológica, enriquecendo-a com seus métodos e teorias” (CNBB. *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*. Documentos da CNBB 99. São Paulo: Edições CNBB, 2023, n. 44).

⁷ SBARDELLOTTO, Moisés. “E o Verbo se fez rede”: religiosidade em reconstrução no ambiente digital. São Paulo: Paulinas, 2017 (Col. Pastoral da Comunicação).

⁸ Professora Adjunta do ANIMA - PUC Minas, pesquisadora do Núcleo de Estudos em Comunicação e Teologia (NECT). Jornalista graduada em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2011), mestrado em Teologia pela PUCRS (2015), doutorado sanduíche em Teologia na Ruhr Universität Bochum, Alemanha (2018-2019) e doutorado em Teologia pela PUCRS (2021).

tempos da rede. Ela tratou a temática da ciberteologia, considerando a Teologia nos tempos da rede e desenvolveu a ideia de cibergraça: comunhão para além do isolamento e da massificação e aplicabilidade para pastoral. O seu doutorado serviu também de suporte para nossa pesquisa, cuja tese se intitula *Amigas e amigos no Amigo: uma cristologia comunicativa da amizade em tempos digitais e de pandemia*.

Ademais, consideramos relevante a pesquisa de Gripp⁹ que desenvolveu em seu doutorado a tese com o seguinte título: *Infopastoral: diálogo entre fé e cultura digital. Uma análise a partir de documentos do Magistério da Igreja*. Na sua pesquisa, ela desenvolveu os seguintes aspectos: uma sociedade hipercomplexa marcada pela revolução tecnológica e a cultura digital; reflexão teológico-pastoral da comunicação a partir do Magistério Conciliar do Vaticano II; a pastoral como resposta à cultura digital.

A metodologia usada nesta pesquisa dissertativa será a aproximação indutiva, fenomenológica e hermenêutica. O fato de ser uma reflexão no campo da teologia sistemática, supõe uma escolha na qual se parta de uma acolhida e contribuição de reflexões que levam em consideração a dimensão complexa da realidade. O tema em questão exige uma fundamentação que assuma elementos provenientes de outros campos do saber em diálogo com a teologia. Na acolhida destas referências, far-se-á um estudo analítico e interpretativo das fontes da fé e outros autores.

O texto, fruto da nossa pesquisa, está estruturado de forma tripartida. No primeiro capítulo, intitulado *Do púlpito às redes: a Igreja e o mundo da comunicação*, detivemo-nos sobre tudo na relação entre comunicação e cultura no período antecedente ao Concílio Vaticano II, bem como nas reflexões do referido Concílio e no período pós-conciliar. No segundo Capítulo, que como título *Em tempos de redes: fé e anúncio do evangelho*, apresentamos os desafios e oportunidades de anunciar a Palavra de Deus apoiados na perspectiva da teologia da comunicação na cultura digital. Por fim, o último capítulo se intitula *Das redes à vivência da fé: propostas pastorais e aborda três eixos fundamentais para reflexão da vivência da fé no*

⁹ Doutora em Teologia Sistemático-Pastoral na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) (2022). É professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio, no setor de Cultura Religiosa, e membro do Grupo de Reflexão sobre Comunicação da CNBB (GRECOM). Mestre em Teologia Sistemático-Pastoral pela (PUC-Rio).

ambiente digital que são: o *querigma* como primeiro anúncio, o processo formativo que é a catequese e os desafios e possibilidades para uma experiência da fé no ambiente digital.

Desejamos que a nossa pesquisa contribua para a reflexão acerca da vivência da fé em tempos de rede e, somada a trabalhos anteriores nesta área seja um iluminativo também na Missão da Igreja de anunciar o evangelho em todos tempos e culturas.

1 DO PÚLPITO ÀS REDES: A IGREJA E O MUNDO DA COMUNICAÇÃO

Neste contexto, especialmente com o advento da internet, as relações humanas passam por transformações significativas. Sabemos que a fé lida com realidades imutáveis. Porém, em suas expressões humanas, como por exemplo a teologia, sofre com tais mudanças, que a questionam e pedem respostas. De fato, a vida de fé não está dissociada dos impactos sofridos por pertencer a um mundo cada vez mais conectado não só por cabos, mas por relações estabelecidas por algoritmos. Será este o novo modo de viver e pensar a fé? Uma definição clássica de teologia é que se trata de um discurso sobre Deus e sua relação com o sagrado.¹⁰

Nessa perspectiva fala-se de ciberteologia, termo que indica o esforço de refletir sobre a vivência da fé na cultura digital, ou seja, a evangelização na cibercultura. Trata-se de um campo ainda em construção, com muitos desafios, dentre eles, de definição epistemológica.¹¹ Para adentrar no contexto da ciberteologia, é necessária uma compreensão da relação entre a comunicação e o modo de pensar. As relações humanas se entrelaçam por meio de uma ação comunicativa, seja face a face ou por intermediações tecnológicas. No contexto desta pesquisa, faz-se necessário analisar como a Igreja atualizou seu pensamento sobre a comunicação e, partindo disso, como compreende a relação entre comunicação e teologia.

Enquanto discurso humano acerca de Deus, a teologia se insere na cultura de seu tempo. A tentativa de conceituação do termo “cultura” pode conduzir a uma compreensão que se aproxime do que o senso comum afirma sobre costumes, hábitos, tradições, fé, entre outros. Logo, quando se fala de “cultura digital”, busca-se dizer que novos costumes, hábitos, tradições e fé estão presentes em outros campos, diferentes e inovadores, que refletem uma nova realidade. Cabe lançar a seguinte pergunta: em tempos de realidades digitais, o modo de comunicar certamente sofreu mudanças e, no tocante ao modo de pensar, será que este também mudou?

Para clarificar os impactos das mudanças da cultura digital no pensamento teológico, teremos em conta o Magistério da Igreja, especialmente no Concílio Vaticano II, marcado pelo forte anseio de dialogar com as mudanças de sua época. Para isso, apresentaremos elementos do percurso que precedeu esse evento eclesial e, em seguida, especialmente do decreto *Inter*

¹⁰ BOFF, C. *Teoria do método teológico*, p. 40.

¹¹ MORA C. A. *Evangelizar la cibercultura*, p. 178.

Mirifica, que ressalta a importância da Igreja se valer dos meios e, conseqüentemente, das novas linguagens, para dar as razões da fé.

1.1 COMUNICAÇÃO E CULTURA ANTES DO CONCÍLIO VATICANO II

O cristianismo tem suas raízes na era da oralidade, especialmente durante os seus primeiros séculos. As pessoas compartilhavam tradições e histórias transmitindo verbalmente de geração a geração. A tradição oral sem dúvida desempenhou um papel fundamental na preservação e transmissão de muitas histórias antes de serem registradas por escrito.

A pesquisa busca um enfoque para o momento em que a igreja se volta para os meios de comunicação impressos com uma atenção particular depois da introdução da imprensa. Como a Reforma Protestante logo se apossou da imprensa como forma de propagar seu ideário, a Igreja em geral reagiu com suspeita e combate a ela, pois a verdade proclamada nos púlpitos era questionada por meio de panfletos e livros.¹² Como reação, são criados os documentos oficiais a fim de garantir orientações sobre suas posturas diante de ensinamentos vinculados nesses materiais impressos e por meio destes documentos tenta-se “ditar normas para imperadores, reis, bispos e fiéis, a fim de orientá-los sobre como se posicionar frente aos escritos, livros e teatros”.¹³ Nessa perspectiva de garantir que os fiéis tivessem em suas mãos documentos que não fossem prejudiciais para sua fé, desenvolver-se-á um controle maior por meio dos documentos oficiais pontifícios.

Neste ponto, destaca-se o pontificado de Inocêncio VIII (1484-1492). Em 1487, foi publicado o *Inter Multiplices*, que definia o pensamento da Igreja sobre os meios de comunicação escritos e como estes deveriam ser trabalhados. Nesse momento surgirá o Tribunal da Santa Inquisição, um tribunal eclesiástico que tinha como tarefa examinar livros suspeitos e orientar sobre os livros que podiam ou não ser lidos. Livros considerados fora da ortodoxia católica eram destruídos e pessoas que desobedeciam a tais notificações poderiam ser presas e condenadas como hereges, tendo como condenação até mesmo a pena de morte.

¹² ZANON, D. *O impacto da sociedade em rede sobre a Igreja católica*, p. 57-58.

¹³ PUNTEL, J. *Comunicação*, p. 24.

Surgem novas normas e proibições acerca de livros e autores.¹⁴ Das iniciativas de suspeita em relação à imprensa, um deles se tornou ícone de condenação de produções culturais, o *Index librorum prohibitorum*, que arrolava livros que não deveriam ser editados ou lidos pelos fiéis. O critério para que o livro estivesse no *Index* era a discordância com o Magistério oficial. Foi publicado pelo Papa Paulo IV e confirmado pelo Concílio de Trento.¹⁵ O *Index* era uma lista onde a Igreja estabelecia nomes de livros e de autores cujas teorias não eram apoiadas pelo Magistério e cujos conteúdos eram julgados como impróprios. Tais atitudes tomadas pela Igreja em relação à comunicação seriam baseadas em princípios que ela julgava pertinentes.

As posturas supracitadas terão um novo direcionamento durante o pontificado do Papa Leão XIII (1878-1903), marcado pelo esforço de inserir os católicos na sociedade contemporânea, repropoando os valores da tradição cristã.¹⁶ Pode-se dizer que esse pontificado irá aceitar paulatinamente a imprensa. Um exemplo significativo foi a primeira audiência coletiva concedida por um papa a jornalistas, ocorrida em fevereiro de 1879.¹⁷

No pontificado do Papa Leão XIII se destacou o potencial evangelizador da imprensa. Porém, como a Reforma Protestante e a Revolução Francesa se valeram de folhas impressas e livros na divulgação de seus ideários, o Magistério católico era refratário ao seu uso. Tal desconfiança permanecerá no pontificado do Papa Pio X (1903-1914). A visão positiva do Papa Leão XIII sobre a imprensa, logo foi interrompida por seu sucessor.

Um exemplo dessa interrupção pode se constatar na Encíclica *Piense d'Animo*, de 28 de julho de 1906, que mostra uma visão de combate a tudo o que o Papa considera estar imbuído de espírito modernista e que pode, inclusive, atrapalhar a formação dos futuros sacerdotes. Em um trecho bastante significativo, encontra-se um exemplo da postura do pontificado de Pio X no que diz respeito à relação com a imprensa:

Estão absolutamente proibidos os seminaristas de assumirem atividades externas. Segundo: nós os proibimos de ler jornais e periódicos, exceto, no caso de cartas, que

¹⁴ KAUFMANN, T. *et al. História ecumênica da Igreja*, p. 174.

¹⁵ ZAGHENI, G. *A idade moderna*, p. 192-193.

¹⁶ ZAGHENI, G. *A idade moderna*, p. 173.

¹⁷ PUNTEL, J. *Comunicação*, p. 25.

contenham sólidos princípios e que o Bispo considere adequado para seus estudos. Que a disciplina seja estimulada com renovado vigor e vigilância (PA 6).¹⁸

As proibições dessa encíclica não se restringem aos seminaristas, mas se estendem aos clérigos em geral, tendo em vista a orientação dos fiéis, como se lê no trecho a seguir:

No que diz respeito à fundação e direção de jornais e periódicos devem os clérigos observar fielmente o artigo 42 da Constituição Apostólica *Officiorum*, que diz: “os clérigos estão proibidos de dirigir jornais ou periódicos sem o consentimento prévio do Ordinário”. Igualmente, sem o prévio consentimento do Ordinário, não pode um clérigo publicar nenhuma espécie de escrito, quer religioso, quer moral, quer sobre assuntos técnicos. Antes de se fundar círculos ou sociedades, suas respectivas regras e constituições devem ser examinadas e aprovadas pelo Ordinário (PA 12).¹⁹

As citações anteriores indicam que o Papa Pio X travou uma forte luta contra o que considerava danoso à Igreja. Ademais, em 1907, Pio X publicou a Encíclica *Pascendi Domini Gregis*. Por meio deste documento, regulamentou o *Imprimatur* e o *Nihil obstat*, pelos quais os ordinários locais deveriam monitorar, em suas dioceses, possíveis publicações, autorizando-as ou não:

Haja, portanto, em todas as Cúrias episcopais censores para a revisão dos escritos em via de publicação. Sejam estes escolhidos no clero secular e regular, homens idosos, sábios e prudentes, que ao aprovar ou reprovar uma doutrina tomem um meio termo seguro. Terão eles o encargo de examinar tudo o que, segundo os artigos 41 e 42 da referida Constituição, precisar de licença para ser publicado. O Censor dará o seu parecer por escrito. Se for favorável, o Bispo permitirá a impressão com a palavra *Imprimatur*, que deverá ser precedida do *Nihil obstat* e do nome do Censor. Também na Cúria romana, como nas outras, serão estabelecidos Censores de Ofício. Serão estes designados pelo Mestre do Sagrado Palácio Apostólico, depois de consultar o Cardeal Vigário de Roma e obtido também o consentimento e aprovação do Sumo Pontífice (PDG 4).

¹⁸ “Sia onninamente impedito che dagli alunni dei seminari si prenda parte comechessia ad agitazioni esterne; e perciò interdiciamo loro la lettura di giornali e di periodici, salvo per questi ultimi, e per eccezione, qualcuno di sodi principi, stimato dal Vescovo opportuno allo studio degli alunni. - Si mantenga con sempre maggior vigore e vigilanza l'ordinamento disciplinare” (tradução nossa).

¹⁹ “In ordine alla fondazione e direzione di fogli e periodici, il clero deve fedelmente osservare quanto è prescritto nell'art. 42 della Costituzione Apost. *Officiorum* (25 gennaio 1897): ‘Agli uomini del clero... è vietato, salvo il permesso degli Ordinari, assumere l'incarico di dirigere giornali o fogli periodici’. Parimente, senza il previo assenso dell'Ordinario, niuno del clero può pubblicare scritto di sorta sia di argomento religioso o morale, sia di carattere meramente tecnico. Nelle fondazioni di circoli e società gli statuti e regolamenti debbono previamente esaminarsi ed approvarsi dall'Ordinario” (Tradução nossa).

Entre outras, estas ações tomadas pelo Papa Pio X foram uma maneira de reforçar o controle da influência das opiniões contrárias à fé católica sobre os fiéis. A desconfiança dos meios se dava não por eles mesmos, mas por causa das ideias que transmitiam. Sendo assim, segundo Pio X, era necessário que a autoridade católica vigiasse sobre o conteúdo transmitido pelos meios que atingiam as multidões.

Pouco a pouco, porém, o Magistério vai deixando clara a distinção entre os meios e os conteúdos que estes veiculam. É por isso que a imprensa, por exemplo, levada à frente para difundir a fé católica foi chamada de boa imprensa. Entendeu-se que a imprensa em si é neutra, mas o que vai lhe qualificar como boa ou má é o conteúdo que veicula. Assim, meios que antes eram tidos como adversários, passam a ser aliados.

Nesse sentido, merece destaque no pontificado de Pio XI (1922-1939), a Organização Católica Internacional para o Cinema (OCIC), criada em 1928. Segundo a pesquisadora Joana Puntel, “o que levou Pio XI a criar essa organização foi que o mesmo ficou impressionado com a recente invenção”.²⁰ Na Encíclica *Vigilanti Cura*, publicada em 29 de junho de 1936, dirigida ao episcopado norte-americano, Pio XI chama a atenção dos bispos para uma vigilância maior em relação à produção de filmes, para que se adeque aos objetivos da evangelização:

Toda a arte nobre tem como fim e como razão-de-ser, tornar-se para o homem um meio de se aperfeiçoar pela probidade e virtude; e por isso mesmo deve ater-se aos princípios e preceitos da moral. E concluímos, com a aprovação manifesta daquelas pessoas de elite – ainda nos é consolador lembrar – ser necessário tornar o cinema conforme às normas retas, de modo que possa levar os espectadores à inteireza da vida e uma verdadeira educação (VC 4).

Mais uma vez, encontra-se um exemplo da preocupação da Igreja para com a influência do cinema sobre a vida das pessoas e principalmente seus impactos negativos. Neste trecho da encíclica fica bem claro o sentido que os cineastas norte-americanos deveriam adotar em suas produções:

²⁰ PUNTEL, J. *Comunicação*, p. 27.

Os próprios diretores desta indústria, nos Estados Unidos, reconheceram-no quando a esse respeito confessaram sua responsabilidade perante os indivíduos e a sociedade. Em março de 1930, por um ato livre, feito de comum acordo ratificado por suas assinaturas e promulgado pela imprensa, tomaram o compromisso solene de proteger no futuro a moralidade dos frequentadores do cinema. Em virtude dessa promessa, comprometeram-se expressamente a nunca exhibir um filme que rebaixasse o senso moral dos espectadores, que ferisse a lei natural e humana ou que mostrasse simpatia pela violação da mesma (VC 7).

O acordo de proteger a moralidade parece não ter sido respeitado pelas produtoras dos filmes. Por isso, o Papa quis colocar o episcopado em alerta a fim de não deixar de propor ensinamentos em suas dioceses que alertassem as pessoas sobre os malefícios que alguns filmes poderiam causar em suas vidas. Mesmo que *Vigilanti Cura* se destine preferencialmente ao episcopado estadunidense, Pio XI aproveita o ensejo para solicitar dos bispos de outros países o mesmo cuidado.

É também dever dos Bispos de todo o orbe católico unirem-se para fiscalizar esta universal e poderosa forma de diversão e de ensino, para fazer prevalecer como motivo de proibição do mau cinema, a ofensa feita ao sentimento religioso e moral e a tudo que é contrário ao espírito cristão e a seus princípios éticos, não se cansando de combater tudo que contribui para enfraquecer ou extinguir no povo o sentimento da decência e da honra. É um dever que compete não somente aos bispos, mas também a todos os católicos e a todos os homens honestos que amam a dignidade e a saúde moral da família, da nação e, em geral, da sociedade humana (VC 28).

A preocupação do Papa Pio XI com o cinema se dá por seu poder de penetração nas massas. O pontífice reconhece que o cinema atinge as pessoas de todas as classes sociais, especialmente por seu caráter lúdico.

É indiscutível que, entre estes divertimentos, o cinema adquiriu, nos tempos modernos, uma importância máxima, por ter-se estendido a todas as nações. Não é necessário registrar que milhões de pessoas diariamente assistem às representações do cinema; que se abrem locais para semelhantes espetáculos cada vez em maior número, em meio de todos os povos de alta cultura ou só meio civilizados; que o cinema se tornou a forma mais popular de recreação, não só para os ricos, mas para todas as classes da sociedade (VC 17).

Ademais, o cinema era uma ferramenta que tinha forte poder de influência psicológica: “Não há hoje um meio mais poderoso para exercer influência sobre as massas, quer devido às figuras projetadas nas telas, quer pelo preço do espetáculo cinematográfico, ao alcance do povo comum, e pelas circunstâncias que o acompanham” (VC 18).

Seu sucessor, o Papa Pio XII, que governou a Igreja de 1939 a 1958, teve seu pontificado reconhecido como um período de estreitamento de relações com os meios de comunicação e de profundas reflexões em relação às questões sociais e à importância da informação na constituição da opinião pública. É bem verdade também que seu pontificado passou por momentos delicados, uma vez que, de 1939 a 1945, o mundo inteiro assistiu aos terrores deflagrados pela Segunda Guerra Mundial.

Não obstante, na solenidade de Pentecostes de 1941, celebrada no dia 1º de junho, o Papa Pio XII realizou uma rádio mensagem na qual destacou as vantagens do rádio. Tal feito se deu em decorrência da comemoração do 50º aniversário da *Rerum Novarum* – encíclica promulgada pelo Papa Leão XIII no ano de 1891, um documento relevante para a composição do que mais tarde será a *Doutrina Social da Igreja Católica* –, vejamos:

E o que para muitos é arma de combate, para nós transforma-se em instrumento providencial de apostolado ativo e pacífico, que realiza e eleva a um novo significado a palavra da Escritura: “Pela terra inteira correu sua voz; até os confins do mundo suas palavras” (Sl 18,5; Rm 10,18). [...] Com prazer sincero nos servimos hoje de um meio tão maravilhoso, para chamar a atenção do mundo católico sobre uma data, digna de ser gravada com caracteres de ouro nos fastos da Igreja: o quinquagésimo aniversário da publicação, em 15 de maio de 1891, da fundamental encíclica social *Rerum Novarum* de Leão XIII (RSP 3).

A partir desta radiomensagem, mais especificamente neste ponto destacado sobre as vantagens do rádio, nota-se a alegria do Papa Pio XII em utilizar esse meio de comunicação para estar perto de suas ovelhas, e poder não somente comunicar o quinquagésimo aniversário da publicação da encíclica *Rerum Novarum*, mas também, confortar milhões de pessoas que estavam sofrendo com os horrores da guerra. Nesse sentido, pode-se dizer que o papa enxergava o bem que se podia fazer com a ajuda do rádio para o anúncio da Boa-Nova.

Esse posicionamento aqui defendido ficará mais explícito com a explanação de algumas ideias presentes na Carta Encíclica *Miranda Prorsus*, promulgada no dia 8 de setembro de 1957.

Essa encíclica trata sobre cinema, rádio e televisão, e é considerada uma encíclica que apresenta a posição da doutrina da Igreja Católica sobre a comunicação social, ou mais precisamente, a primeira encíclica a tratar conjuntamente de diversos meios de comunicação.

O posicionamento da Igreja nesse documento é de reconhecimento dos avanços tecnológicos, no entanto, tais avanços não eximem o reconhecimento da ação divina que corrobora no empenho humano para o desenvolvimento dos meios de comunicação. De acordo com a *Miranda Prorsus*, estes devem ser acolhidos como “dons de Deus, Criador do homem e inspirador de todas as obras” (MP 1). Se os meios de comunicação são dons que vêm de Deus, eles não podem ser utilizados para fins que contrariem os ensinamentos da doutrina cristã. Mais uma vez, percebe-se aqui a preocupação com os aspectos morais dos meios de comunicação em um documento da Igreja. Em outro trecho, tal preocupação torna-se mais evidente:

A Igreja, que protege e apoia o desenvolvimento de todos os verdadeiros valores espirituais – tanto as ciências como as artes sempre a tiveram como protetora e mãe – não pode permitir atentados contra os valores que ordenam o homem para Deus, seu fim último. Ninguém se deve, portanto, admirar se, mesmo nesta matéria, ela toma atitude de vigilância, em conformidade com a recomendação do Apóstolo: “Experimentai tudo: o que é bom, conservai-o. Abstende-vos de toda a aparência de mal” (1Ts 5,21-22) (MP 36).

Assim, abre-se com esta encíclica, um período em que um novo olhar para a comunicação é lançado por parte do Magistério da Igreja. A partir de então, se elabora uma nova estratégia para a ampla formação das pessoas a fim de que elas tenham senso crítico sobre cinema, rádio e televisão. Na esteira deste pensamento, novos posicionamentos do Magistério vão surgir a fim de que não mais ressoe de modo negativo a relação entre a Igreja e os meios de comunicação social, ao ponto de ser prejudicada, sobremaneira, a relação dos ensinamentos da doutrina cristã e a utilização dos meios que favoreçam sua ampla divulgação.

1.2 COMUNICAÇÃO E CULTURA NO CONCÍLIO VATICANO II

Sobre a compreensão e o uso dos meios de comunicação social por parte da Igreja, uma das referências é o decreto *Inter Mirifica* do Concílio Vaticano II. Consideramos, porém,

necessário tratar, ainda que brevemente, de alguns aspectos desse evento eclesial, no qual a Igreja se abre em perspectiva de compreensão e acolhida ao mundo moderno, dispondo-se a discernir as situações da época.²¹ A busca de diálogo e de atualização da linguagem e do método pastoral sintetizou-se na expressão *aggiornamento*, “palavra italiana que significa ‘colocar-se em dia’, ‘atualizar-se’”²², que pode ser entendida como aperfeiçoamento, melhoramento, uma palavra muito significativa no Concílio Vaticano II. Pode-se dizer que “*aggiornamento* mostrasse como a indicação sintética da direção na qual o Concílio teria devido abrir o caminho à Igreja”.²³ Ficou célebre a resposta de João XXIII a um jornalista, declarando que o concílio tinha a finalidade de, ao menos, abrir as janelas da Igreja para deixar entrar um pouco de ar fresco.²⁴

O interesse da sociedade pelo Concílio Vaticano II foi grande. Todos os olhares do mundo estavam voltados para Roma para entender o que a Igreja buscava com um evento de tamanha grandiosidade e alcance. Algo significativo foi a transmissão da cerimônia de abertura realizada por vários meios de comunicação, como se pode atestar:

Por mais de cinco horas, a cerimônia de abertura foi transmitida ao vivo pela RAI-TV (Rádio Italiana – Televisão) para toda a Europa em Eurovisão e em Mundivisão para a América do Norte, através do recém-lançado satélite Testar (Ruozzi, 2012). O Concílio foi o primeiro evento transmitido ao vivo mundialmente pela televisão, pelo menos para os países do hemisfério norte. As emissões, muitas ao vivo, se prolongaram até o término do Concílio, num evento debatido no seio da família e publicamente, fora dos ambientes eclesiásticos.²⁵

A transmissão da cerimônia pela TV pode ser lida como um posicionamento amistoso da Igreja com a cultura de seu tempo, pois ela não quer rechaçar as novidades surgidas na sociedade, mas compreendê-las e iluminá-las à luz do Evangelho. A postura de compreensão e conciliação marcariam o Concílio Vaticano II, como se pode ler em seus documentos. A atitude

²¹ PASSOS, J. D. *Concílio Vaticano II*, p. 203.

²² BEOZZO, J. O. *O Concílio Vaticano II*, p. 10.

²³ “*Aggiornamento* appare come l’indicazione sintetica della direzione nella quale il Concilio avrebbe dovuto aprire il cammino alla Chiesa” (ALBERIGO, G. *Transizione epocale*, p. 42, tradução nossa).

²⁴ MOULINET, D. *O Vaticano II contado aos que não o vivenciaram*, p. 17-18.

²⁵ BEOZZO J. O. *Concílio Vaticano II*, p. 189.

de serviço e de diálogo com o mundo contemporâneo é expressa de modo contundente na constituição pastoral *Gaudium et Spes*, como se lê:

Para levar a cabo esta missão, é dever da Igreja investigar a todo momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas (GS 4).

O Concílio realça a Igreja como investigadora da realidade presente. Quem investiga algo é porque não tem total clareza a respeito disso. Reconhecendo que precisa olhar com cuidado para os sinais dos tempos em postura de serviço, a Igreja se põe em busca e investigação com a finalidade de apresentar a resposta do Evangelho de forma adaptada à geração presente. A observação dos sinais dos tempos para se comunicar com as pessoas não é algo acessório, mas um dever que deriva da própria missão eclesial. Isso porque o conteúdo da fé, mesmo tendo características de perenidade, precisa de modelação para que possa servir o ser humano em sua realidade concreta. A postura da *Gaudium et Spes* revela o posicionamento da Igreja diante do mundo atual.

A *Gaudium et Spes*, na sua segunda parte, apresenta algumas necessidades consideradas urgentes para a época, como a questão da dignidade humana. O tema da cultura (GS 46), de especial relevância para a presente pesquisa, é tratado pelo Concílio no contexto das mudanças ocorridas na sociedade da época. Se considera que a humanidade vive uma nova fase histórica, em que “novos caminhos se abrem ao progresso e difusão da cultura, preparados pelo desenvolvimento das ciências naturais, humanas e sociais, pelo desenvolvimento das técnicas e pelo progresso no aperfeiçoamento e coordenação dos meios de comunicação” (GS 54). Essas mudanças favorecem nas pessoas a consciência de serem autoras de sua própria cultura, e aguça o sentido de autonomia e de responsabilidade dos sujeitos, a ponto de ser possível falar em um novo humanismo (GS 55). Essas novidades, apresentadas em tom positivo, também são acompanhadas com preocupação pelo Concílio, como no caso dos humanismos que ignoram, ou mesmo, se tornam hostis, à religião.

Na reflexão da *Gaudium et Spes*, tem papel relevante o relacionamento entre fé cristã e cultura, entendida como produção humana enquanto completa a obra da Criação e aperfeiçoa o próprio ser humano (GS 57). A fé cristã, diante da cultura humana, tem papel unificador: “a

Igreja lembra a todos que a cultura deve orientar-se para a perfeição integral da pessoa humana, para o bem de toda a comunidade e de toda a sociedade” (GS 59). Por isso, pede-se dos fiéis que penetrem de espírito humano e cristão as manifestações culturais coletivas (GS 61). Para tanto, é preciso que vivam em união harmônica com as pessoas de seu tempo, buscando conciliar as descobertas científicas e culturais com a doutrina e os costumes cristãos.

O espírito de diálogo e aproximação da Igreja com a produção cultural humana está presente de algum modo em todos os documentos do Concílio Vaticano II. A *Gaudium et Spes* expressa esse espírito de modo contundente. Contudo, pela natureza da presente pesquisa, tratar-se-á, em seguida, do Decreto *Inter Mirifica*, enquanto este expressa a acolhida e a promoção, por parte da Igreja, dos meios de comunicação social que facilitam a comunicação humana. O decreto *Inter Mirifica*, promulgado em 4 de dezembro de 1963, é um documento curto, com apenas 24 artigos, divididos em dois capítulos: o primeiro trata das normas para o uso dos meios de comunicação, o segundo aborda os meios de comunicação social e o apostolado católico. Mas sua aprovação não foi tranquila e recebeu posicionamentos contrários ao texto do decreto apresentados por alguns países, onde se destaca a oposição forte feita pela França, Estados Unidos e Alemanha. A corrente francesa alegava que o documento precisava aprofundar os fundamentos nas áreas da teologia, filosofia e sociologia. Os americanos consideraram que o documento não apresentava inovações que pudessem responder aos desafios da missão da Igreja e o artigo 12 do decreto causou surpresa sobre o tema da liberdade de imprensa. Os alemães fizeram um pedido a comissão conciliar para não aprovação e alegaram que o decreto não atendia as expectativas povo e dos estudiosos da área²⁶.

Estudiosos consideram que o *Inter Mirifica* é um documento mais significativo do que efetivo, pois, além de sua brevidade, traz uma visão desconfiada dos meios de comunicação.²⁷ Contudo, trata-se da primeira declaração oficial de um Concílio a respeito da comunicação social. Os dois capítulos do *Inter Mirifica* são precedidos por uma definição dos termos e uma justificativa da necessidade do Concílio Vaticano II se dedicar a essa temática. Se explicita que o documento trata de invenções que facilitam a comunicação de toda espécie de informações,

²⁶ PUNTEL, J., *Inter Mirifica – A Comunicação pela primeira vez num Concílio*. Revista ESPAÇO, Instituto de Estudos Superiores (ITESP). São Paulo, dezembro de 2003. Disponível em: <https://espacos.itespteologia.com.br/espacos/article/download/501/402>. Acesso: 24/02/2024

²⁷ MELO, J. M. *Comunicação eclesial*, p. 72.

ideias e ensinamentos, especialmente a imprensa, o cinema, o rádio, a televisão e semelhantes, chamados de meios de comunicação social (IM 1).

Quanto à justificativa do *Inter Mirifica* para tratar da temática, é que tais meios, por um lado, podem servir à evangelização, mas, por outro, podem ser usados em sentido contrário ao bem do ser humano (IM 2). O primeiro capítulo declara o direito de a Igreja usar esses meios para a evangelização, mas também, o dever de instruir os fiéis quanto ao seu reto uso (IM 3). O interesse desta pesquisa volta-se especialmente para a segunda parte, por relacionar os meios de comunicação social e o apostolado católico, considerando que a ciberteologia seja parte do trabalho evangelizador na cultura da comunicação.

O Concílio pede que “os instrumentos de comunicação social sejam empregados sem a menor dilação e o máximo empenho, nas múltiplas obras de apostolado” (IM 13). Esse chamado urgente se justifica como exigência das circunstâncias dos tempos de então. Após abordar a urgência de uma ação evangelizadora que lance mãos dos meios de comunicação social, tanto por parte dos pastores como dos fiéis (IM 13), são listadas iniciativas a serem promovidas: a boa imprensa; filmes recreativos de valor moral, cultural e artístico; programas radiofônicos e televisivos que se sobressaiam pela perfeição e pela eficácia; e, por fim, menciona-se a arte do teatro (IM 14).

Cabe destacar a preocupação do *Inter Mirifica* com a formação dos agentes da comunicação: jornalistas, cineastas, radialistas, diretores de televisão, atores, críticos das diversas expressões de comunicação (rádio, televisão, cinema). A formação almejada deve abranger, além da excelência técnica e especializada, a aquisição do espírito cristão. A mesma preocupação formativa dirige-se também aos receptores, especialmente aos jovens (IM 15-16). Como forma de explicitar a importância dos meios de comunicação na evangelização, o decreto pede a instituição de um dia por ano dedicado às comunicações sociais, a criação de um secretariado pontifício, bem como secretariados nacionais e organizações internacionais, voltados para o cuidado pastoral da comunicação social (IM 18-22). O decreto mostra-se dotado de caráter prático e propositivo, certamente pela urgência de a Igreja valer-se dos meios de comunicação social em seu trabalho de evangelização.

Dentre as instituições indicadas pelo *Inter Mirifica*, merece destaque o *Dia Mundial das Comunicações Sociais*, instituído com o objetivo de promover a consolidação da evangelização com os meios de comunicação em todo o mundo, formando a consciência dos fiéis para o uso

adequado desses meios, promovendo a oração por esse tema e também com o intuito de angariar fundos para o apostolado das comunicações (IM 18). A partir de 1967, ou seja, quatro anos após a promulgação do *Inter Mirifica*, este dia é celebrado no domingo anterior a Pentecostes. Desde então, os papas emitem anualmente uma mensagem com a temática que consideram adequada para a ocasião. Por exemplo, em 2018, o Papa Francisco tratou da temática das *fake news*, tendo em conta o dano que as falsas notícias provocaram na vida das pessoas.

1.3 COMUNICAÇÃO E CULTURA APÓS O CONCÍLIO VATICANO II

Na esteira do Concílio Vaticano II, foram publicados muitos documentos acerca da comunicação social e dos desafios de anunciar o Evangelho em linguagem acessível à sociedade contemporânea. A seguir, pretende-se mencionar algumas destas iniciativas, como a Instrução Pastoral *Communio et Progressio*, emitida em cumprimento ao *Inter Mirifica* (IM 23), por ocasião do 5º *Dia Mundial das comunicações*. Esta instrução tem por objetivo:

Desenvolver princípios de doutrina e orientações pastorais, mas apenas nas suas linhas básicas, devido à contínua evolução e progresso a que está sujeita esta matéria, não descera a aplicações de pormenor; tais aplicações só poderão ser feitas em função das circunstâncias particulares de tempo e lugar (CP 3).

A *Communio et Progressio* deixa claro que, não obstante a importância do tema dos meios de comunicação social, legislar a respeito, não é tarefa simples. Constatase essa complexidade na conclusão do documento, a se questionar se atualmente a comunicação social chegou ou não ao limiar de uma nova era, e se todo o processo envolvendo o tema comporta apenas mudanças quantitativas ou se também envolve transformações qualitativas (CP 181).

É fato que a partir do *Inter Mirifica* fortalece-se na Igreja a consciência da importância de valer-se dos meios de comunicação social no trabalho evangelizador. Ficou clara a urgência de a Igreja valer-se desses meios para não perder a conexão com as pessoas da presente época. Assim, os documentos mais importantes a respeito da evangelização não deixam de tratar da comunicação, enfatizando não só os meios, mas a linguagem característica da cultura da comunicação. Exemplo disso é a exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* do Papa Paulo VI

ao afirmar que, em um tempo tão marcado pelos meios de comunicação social, tanto a catequese primeira, como o aprofundamento da fé, não podem prescindir de tais meios (EN 45).

Percebe-se, até aqui, o modo como a Igreja lidou com os meios de comunicação social, evoluindo de uma postura de desconfiança a uma atitude de reconhecimento de sua utilidade para a evangelização, tendo o Concílio Vaticano II como o evento eclesial por excelência na busca por dialogar com a cultura moderna. Desde a conclusão do Concílio Vaticano II até os dias atuais, a comunicação se transformou de tal modo, a ponto de se poder falar em uma cultura da comunicação. Tal modificação foi promovida especialmente pelo advento da internet e pelo desenvolvimento de tecnologias que marcam o modo como as pessoas se relacionam, se comunicam e trocam informações. Essas transformações foram tão impactantes que se constituíram em uma revolução: a revolução das tecnologias da informação, caracterizada pela aplicação veloz de conhecimentos que amplificam e estendem as capacidades humanas.²⁸ Essas modificações atingem não só as forças produtivas, mas também a cultura, incidindo sobre as experiências de fé.

Para refletir a respeito da fé e da evangelização na cultura e no ambiente criados pelas tecnologias da comunicação, é fundamental considerar algumas características desse âmbito. Antes, porém, convém esclarecer o conceito de cultura que se adota na presente pesquisa, advindo de Castells, que entende cultura como “um conjunto de valores e crenças que formam o comportamento; padrões repetitivos de comportamento geram costumes que são repetidos por instituições, bem como por organizações sociais informais”.²⁹

Um dos termos utilizados para falar das mudanças na cultura é ciberespaço. Quanto ao vocábulo, apareceu em 1984, no romance *Neuromancer*, do escritor americano-canadense de ficção especulativa William Gibson. Em *Neuromancer*, o termo ciberespaço designa o universo das redes digitais em oposição ao mundo físico, descrito como um campo de batalha entre as multinacionais, sendo assim, palco de conflitos mundiais e uma espécie de nova fronteira cultural e econômica.

A pesquisadora de semiótica Lúcia Santaella diz que o ciberespaço é o “mundo de informações acessíveis à velocidade de uma piscadela”.³⁰ Esclarecendo a definição, traça um

²⁸ CASTELLS, M. *A sociedade em rede*, p. 49-51.

²⁹ CASTELLS, M. *A galáxia da Internet*, p. 34.

³⁰ SANTAELLA, L. *A ecologia pluralista da comunicação*, p. 50.

histórico, que vai da origem do computador operado por meio de inúmeras listas de comandos. Essas máquinas pouco a pouco foram aumentando sua presença em bibliotecas, laboratórios, e eram consultadas localmente. Diversas atualizações ocorreram até que se chegou aos dispositivos móveis, à computação ubíqua, que armazena conteúdos na nuvem, confundindo as fronteiras do espaço físico e do ciberespaço.³¹

A presença da religião no ciberespaço pode ser compreendida valendo-se do conceito de midiatização, que integra os estudos de comunicação desde os anos 1970. A midiatização refere-se à passagem de uma vivência humana existente independente de qualquer meio, para uma expressão que depende de dispositivos, as mídias: rádio, televisão, computador, *smartphone* e afins.³² Trata-se, portanto, de um processo em curso que antecede o desenvolvimento do ciberespaço, mas que progride amplamente nele. A prática religiosa é uma das experiências humanas que têm passado pelo processo de midiatização, causando muitos impactos, criando novas expressões, dentre elas, a ciberteologia.

Um conceito afim à noção de ciberespaço, útil para compreender o modo de organização nesta era em que se vive, é o conceito de *cidade informacional*, que consiste na coleta e compartilhamento de informações, oficiais ou não, mediante a web. Neste conceito, destaca-se que o *informacionalismo*, ou seja, a capacidade de processar informação, é a base da sociedade contemporânea. Informação e comunicação, portanto, desempenham papel fundamental no comportamento e no modo de organização das pessoas.³³ Destaca-se neste modelo de organização, a possibilidade que qualquer pessoa possui de atuar sobre a rede de informações, podendo reconfigurá-la de acordo com os próprios projetos.³⁴

Os conceitos mencionados para referir-se ao modo de organização da sociedade a partir da partilha veloz da informação, indicam modificações no comportamento humano como um todo. Naturalmente, isso diz respeito à fé e suas expressões, requisitando dos teólogos um esforço extra para pensá-la e explicitar o seu conteúdo. Sendo assim, é importante para os teólogos buscar entender a cultura digital, caso se deseje continuar em diálogo com as pessoas de hoje, criadas em um contexto de redes digitais. Cabe salientar que, mesmo baseada em

³¹ SANTAELLA, L. *A ecologia pluralista da comunicação*, p. 51-52.

³² MARTINO, L. M. S. *Mídia, religião e sociedade*, p. 34.

³³ RODRIGUES, L. M. *A cidade informacional como desafio pastoral*, p. 179-180.

³⁴ RODRIGUES, L. M. *A cidade informacional como desafio pastoral*, p. 180.

computadores interligados, essa sociedade é formada por pessoas. Nesse sentido, afirma o sociólogo Manuel Castells: “Os sistemas tecnológicos são socialmente produzidos. A produção social é estruturada culturalmente. A internet não é exceção. A cultura dos produtores da internet moldou o meio. Esses produtores foram, ao mesmo tempo, seus primeiros usuários”.³⁵

As novas formas de comunicação estão mudando os comportamentos e a vivência da fé, porém, o uso e os avanços das novas tecnologias não precisam ser vistos como algo negativo, mas merecem uma análise de como isso tem mudado a vida das pessoas, principalmente no âmbito religioso. Tendo em conta as pessoas em suas vivências no ciberespaço e as alterações no comportamento humano que as interações com as mídias provocam, a teologia precisa se sentir desafiada a dar uma resposta.³⁶

A cultura originada pelos processos de interação cria ambientes novos, que requer dos evangelizadores, métodos e linguagens apropriadas para a transmissão da fé. As atividades religiosas no ciberespaço não são poucas. Missas são transmitidas pelas redes sociais, mensagens religiosas e pedidos de oração circulam pelos aplicativos e plataformas de comunicação. Recentemente, a presença religiosa nas mídias foi potencializada com a pandemia da covid-19, pois, para conter o contágio, as celebrações eucarísticas foram proibidas de modo presencial devido a transmissão das missas pelas plataformas digitais. Esta foi uma das alternativas encontradas para que fosse mantido o vínculo dos fiéis com a celebração eucarística de sua comunidade de fé.³⁷

O deslocamento dos fiéis para o ciberespaço é um fato. Entretanto, restam perguntas, tais como: de que modo está se dando a adequação do dogma, da moral e do culto cristão a esses novos ambientes? Ao longo da história, a fé se expressava em ambientes bem definidos, sólidos, como as igrejas de pedra com sua arquitetura e a linguagem sacro-artística e litúrgico-musical, que por séculos, teve traços muito característicos em cada período. Como tudo isso interage com elementos culturais marcados pela velocidade e por processos de interação tão

³⁵ CASTELLS, M. *A galáxia da Internet*, p. 34.

³⁶ SOUZA, A. D. G. *Infopastoral: diálogo entre fé e cultura digital. Uma análise a partir de documentos do Magistério da Igreja*. 229 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifício Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

³⁷ GOMES, Tiago de Fraga. *A missão da Igreja em tempos de pandemia*. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 337-353, Mai./Ago. 2021.

dinâmicos? Como o cristianismo se adequa aos novos ciberespaços? Para lidar com questões como estas, estão em curso os estudos em ciberteologia.

Esse termo se tornou bastante conhecido e nas reflexões do jesuíta italiano Antonio Spadaro, escritor e crítico literário, atual diretor da revista *Civiltà Cattolica*. Em seu livro *Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede*, apresenta a ciberteologia como teologia que se debruça sobre os significados da comunicação social em tempos da internet e tecnologias afins. Também seria tarefa da ciberteologia refletir a respeito de como o Evangelho deve ser transmitido no ambiente digital, considerando as características próprias desse ambiente e o mapeamento da presença do religioso na internet.³⁸ Quanto ao seu modo de atuar, a ciberteologia refere-se ao fazer teológico no ciberespaço, enquanto recolhe a produção teológica nas redes; também concerne à teologia do ciberespaço, enquanto lista as contribuições para o estudo do ciberespaço; por fim, diz respeito à teologia para o ciberespaço enquanto coleta os locais, como fóruns, sites e afins, em que se faz teologia na rede.³⁹ Spadaro, consciente de que a identidade da ciberteologia está em construção, afirma: “É necessário considerar a ciberteologia como a inteligência da fé em tempos da rede, isto é, a reflexão sobre a ‘pensabilidade’ da fé à luz da lógica da rede”.⁴⁰

Parte-se da premissa de que o modo próprio de ser do ciberespaço interfere no relacionamento do fiel com as práticas da fé, tais como a leitura da Bíblia, a compreensão dos sacramentos, da liturgia, da moral, etc. Contudo, uma reflexão desta natureza poderia ser feita por outras ciências, como a sociologia, a psicologia ou a ciência da religião. Como lembra o teólogo Clodovis Boff, para que seja teologia, um saber supõe a fé e tudo precisa ser visto por essa ótica.⁴¹ Consciente disso, Spadaro afirma que a reflexão ciberteológica se dá a partir da experiência da fé, como fé que busca dar as suas razões.⁴²

Como o ciberespaço é marcado pela dinamicidade, por processos de interação sempre novos, ao lidar com as questões que lhe são pertinentes, a teologia se vê sempre desafiada a refletir a respeito das vivências e relacionamentos de fé nesse ambiente. Por isso, o conceito de

³⁸ SPADARO, A. *Ciberteologia*, p. 39.

³⁹ SPADARO, A. *Ciberteologia*, p. 39-40.

⁴⁰ SPADARO, A. *Ciberteologia*, p. 40.

⁴¹ BOFF, C. *Teoria do método teológico*, p. 43-46.

⁴² SPADARO, A. *Ciberteologia*, p. 40.

ciberteologia ainda está em construção. Contudo, parece evidente que o ciberespaço é um *espaço* ou *lugar teológico*. Se aí a fé é vivenciada, cabe aí fazer teologia.

A teologia classicamente é definida como a fé que busca a sua inteligência (*fides quaerens intellectum*).⁴³ A tarefa da ciberteologia consiste em dar as razões da fé/esperança (1Pd 3,15) aos que a vivem no ciberespaço. Dentre os muitos desafios que se apresentam no cumprimento dessa tarefa, está o de primeiramente compreender a maneira de viver dessas pessoas, ou seja, como se sentem, se comunicam e expressam seus pensamentos. É o desafio da inculturação, como o expressou o Papa João Paulo II, afirmando que é preciso encarnar a mensagem cristã na vida concreta dos nativos digitais, aprendendo as suas expressões mais significativas, respeitando-lhes os valores e as riquezas próprias (CT 53).

É imperativo observar com interesse, despido ao máximo possível de preconceito, quais as modificações provocadas pela cultura digital na vida das pessoas, como seu pensamento é modificado, que anseios criam, que possibilidades apresentam. O primeiro posicionamento deve ser “contemplar”, e “não julgar”. Isto não significa ter um olhar ingênuo para o mundo virtual. O olhar crítico é necessário, mas não pode ser condenatório ou reativo, como aconteceu no relacionamento da Igreja com a imprensa e com os meios de comunicação social num primeiro momento.

Não é possível fazer ciberteologia simplesmente a partir dos manuais clássicos da teologia. Sem dúvida é preciso fazê-lo em continuidade com a Tradição da Igreja, se esforçando para acolher o modo próprio de se expressar da cultura digital. É preciso experimentar com profundidade a cultura digital, expressão de um tempo em que os processos de comunicação, baseados em tecnologias velocíssimas, alteram as demandas das pessoas e criam novas formas de expressar suas dores e esperanças. A ciberteologia precisa ser visualizada como

teologia dos significados da comunicação social em tempos da internet e das tecnologias avançadas, como também nos permite fazer uma reflexão pastoral da forma de comunicar o Evangelho com as capacidades próprias do ecossistema virtual, interpretando como um mapa fenomenológico da presença do religioso na internet.⁴⁴

⁴³ BOFF, C. *Teoria do método teológico*, p. 25.

⁴⁴ SANTOS, R. R. O. *ainda hoje*, p.67.

A ciberteologia deve considerar que a internet não é apenas uma ferramenta fria, impessoal e mecânica. Para além dos computadores e fios, estão as pessoas, ou seja, além da estrutura digital existente, há um ambiente, um espaço, para a relação entre as pessoas. No ambiente digital estão pessoas de fé e também pessoas que não professam nenhuma fé. Logo, é um lugar onde a troca de experiências é possível.

Como já foi mencionado o ambiente digital não é um lugar imparcial, mas com interesses e possui grandes empresas que detém dados dos usuários que estão por exemplo nas redes sociais. Com as informações podem manipular seus desejos comerciais, como também influenciar suas opiniões. Nesse sentido o Dicastérios para Comunicação chama atenção para as ciladas que estão presentes no ambiente digital e exemplifica essa ação nas redes sociais:

“Hoje não é possível falar de “redes sociais” sem considerar seu valor comercial, isto é, sem a consciência de que a revolução real ocorreu quando empresas e instituições compreenderam o potencial estratégico das plataformas sociais, contribuindo para uma rápida consolidação de linguagens e práticas que, ao longo dos anos, transformaram usuários em consumidores. De resto, os indivíduos são tanto consumidores como produtos: como consumidores, recebem publicidades baseadas em dados e conteúdos patrocinados sob medida. Como produtos, seus perfis e dados são vendidos a outras empresas, tendo em mente o mesmo objetivo. Aderindo às declarações de missão das empresas de redes sociais, as pessoas aceitam também “termos de acordo” que normalmente não leem nem entendem. Tornou-se popular compreender tais “termos de acordo” segundo um velho ditado que diz: “Se você não pagar pelo produto, o produto é você”. Em poucas palavras, ele não é gratuito: pagamos com minutos da nossa atenção e bytes dos nossos dados.”⁴⁵(n.13)

A ciberteologia é desafiada a demonstrar em sua reflexão teológica que no ambiente digital, seja entendido como um lugar teológico, que tem suas características próprias. E ajudar a percepção daqueles que se dedicam a pesquisar o ambiente digital, indicando as tensões negativas que existem e os perigos existentes.

Moisés Sbardelotto, pesquisador que se destaca nos estudos a respeito da vivência da fé no ciberespaço, reconhece a complexidade a ser enfrentada para entender as razões dos habitantes do *continente digital*. Parece claro que o ambiente digital emerge como um novo *locus* religioso e, portanto, teológico, pois no ciberespaço, são tecidas modalidades inéditas de percepção, experiência e expressão do sagrado. No entanto,

⁴⁵ RUFFINI, Paolo. DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO: *Rumo à presença plena*.

as práticas sociais no ambiente on-line, a partir de lógicas midiáticas, complexificam hoje o fenômeno religioso. Isso diz respeito especialmente às tradições religiosas mais históricas, como o cristianismo, dada a sua existência bimilenar, em relação com esse *novum* comunicacional contemporâneo.⁴⁶

Seguindo esse raciocínio, se pode considerar que o ambiente digital pode se tornar um *locus* de ressignificação da tradição, da doutrina e das práticas religiosas no ciberespaço, pois o ambiente digital, com sua dinâmica de conexão, impele as religiões a assumirem novas formas de percepção do mundo em que habitam, e também, novas formas de expressão de suas tradições. A teologia precisa se esforçar para buscar compreender os elos entre os processos midiáticos digitais e as práticas religiosas, a fim de perceber os vínculos que unem os universos simbólicos-religiosos e os ambientes comunicacionais em mudança no tempo, no espaço e em suas materialidades. Essas questões levam a refletir sobre a experiência da fé e o anúncio do Evangelho em tempos de rede.

⁴⁶ SBARDELLOTO, M. “E o Verbo se fez rede”, p. 24.

2 EM TEMPOS DE REDES: FÉ E ANÚNCIO DO EVANGELHO

A Palavra de Deus é sem dúvida o conteúdo do anúncio de todo batizado. Não é uma doutrina, mas é uma pessoa: Jesus Cristo, que é a mensagem central desta Palavra. A fé ilumina e dar disposição para percorrer esse novo areópago que é a cultural digital. A formação é um aspecto indispensável para realização desta missão, por isso a importância da sistematização de uma teologia da comunicação que possibilite compreender a lógica da cultura digital para que o anúncio do Evangelho tenha condições de dialogar com as pessoas que estão no ambiente digital.

Nos tópicos a seguir faremos um percurso sobre a importância do anúncio da Palavra de Deus e seu aprofundamento. Alinhada a explanação sobre a fé baseada nos ensinamos de documentos da Igreja. E por fim, tentaremos apresentar uma compreensão e contextualizar os desafios e oportunidades para a missão da Igreja na cultura digital numa perspectiva de uma teologia da comunicação.

2.1 FÉ EM TEMPOS DE REDE: COMPREENSÃO E ANÚNCIO

A Palavra de Deus ultrapassa as barreiras, penetra os lugares mais escondidos, purifica os corações, fecunda as mentes e faz “transbordar em nós a esperança” (Rm 15,13). Em tempos de conectividade, é evidente o uso das redes sociais nos espaços e nas ações de evangelização. Porém, é preciso considerar que a internet não é uma realidade acessível a todos os brasileiros. Este dado faz questionar: em tempos de rede, qual a postura ideal para unir cultura digital e anúncio da Palavra como meio de transmissão da fé em Jesus Cristo?

A tecnologia nos ambientes de evangelização se faz cada vez mais necessária, pois a sociedade apresenta, de maneira acelerada, muitas informações. Nesse sentido, é importante ter boas conexões para que não se perca o foco. Diante disso, compreende-se que

a rede é um ambiente que, apesar de todos os riscos de alienação, permite experimentar novas formas de contato, de relação e de expressão pessoal. Os “lugares”

e as atividades em que isso se dá são denominados “sociais” exatamente porque a substância deles reside na comunicação entre as pessoas que os frequentam.⁴⁷

A cultura digital é também um meio de favorecer a interação entre fé e razão, ofertando imagens e conteúdo que ajudem em um itinerário de interiorização, isto é, de imersão ao sentido de existir. Sobre isso, afirma Zilles:

A fé envolve o próprio sujeito crente em todo seu ser, razão e coração, pois não é uma conclusão científica, nem é irracional. Trata-se de uma decisão livre, mas responsável enquanto goza de plausibilidade racional. [...] Trata-se, antes, de realidades que justificam a vida, sem pertencerem à ordem do conhecimento objetivo.⁴⁸

Por outro lado, os caminhos das redes são também sombrios, ilusórios e causam desconforto quando mobilizam apenas os “*status*” e os engajamentos supérfluos. “Sabemos bem quantas suspeitas circundam as tecnologias informáticas e o seu impacto na vida social”.⁴⁹ Afinal de contas, por que o movimento da conectividade das redes chegou para ficar também nas atividades de evangelização? A resposta é simples: a tecnologia, o progresso das ciências e as novas ferramentas digitais, fazem parte da cultura e elucidam as conquistas da humanidade, e a cultura é o caminho para a transmissão da fé. Nas palavras de Spadaro,

o convite, portanto, é para que alarguemos os nossos horizontes; escutemos os desejos profundos que o homem hoje já exprime muito bem também na rede. Essa é a única premissa válida para viver e anunciar a fé em tempos de mídias digitais: reconhecer o seu valor, a sua “capacidade” espiritual. Essas mídias têm em si, a resposta para uma “vocação”. Portanto, num tempo em que a tecnologia tende a se tornar o tecido conectivo de muitas experiências humanas, assim como no caso das relações e do conhecimento, é necessário perguntar-se: a *rede* pode ser uma dimensão na qual se pode viver o Evangelho? A resposta parece ser decididamente afirmativa.⁵⁰

⁴⁷ SPADARO, A. *Quando a fé se torna social*, p. 13.

⁴⁸ ZILLES, U. *Fé e Razão no mundo da tecnociência*, p. 48.

⁴⁹ SPADARO, A. *Quando a fé se torna social*, p. 15.

⁵⁰ SPADARO, A. *Quando a fé se torna social*, p. 15.

A comunicação querigmática realiza-se a partir do coração do Evangelho. Quando lemos Atos dos Apóstolos (17,16-34) encontramos o apóstolo Paulo diante de homens de diversas culturas, dialogando sobre fé, conhecimentos e teorias. Diante desses homens, Paulo anuncia as novidades (Boa Nova, Evangelho) sobre uma Pessoa: Jesus Cristo. O episódio do areópago⁵¹ se transmuta atualmente e ganha o caráter de ambiente digital, lugar das conexões e da vida em rede. Semelhante ao apóstolo Paulo, as redes são espaço ímpar e especial para dizer ao mundo – às pessoas de diversas culturas – quem é Jesus Cristo e qual é a novidade que ele pode dar às nossas vidas. O Papa Bento XVI antecipou esta ajuda para quem evangeliza nas redes: “A novidade do anúncio cristão é a possibilidade de dizer a todos os povos: ‘Ele mostrou-Se. Ele em pessoa. E agora está aberto o caminho para Ele. A novidade do anúncio cristão não consiste num pensamento, mas num fato: Ele revelou-Se” (VD 92).

Deste ensinamento, temos como consequência uma prática de fé: Jesus Cristo é uma pessoa, é Ele quem atrai e irradia conexões; é Ele o centro das redes de nossas interações; a partir dele, somos chamados a viver a fé de modo concreto e encarnado. A transmissão da fé cristã pode acontecer pela via das redes. É possível dizer que a fé cristã é um movimento de conexão. Mas a vivência da fé, sempre exigirá o contexto comunitário, a caminhada em conjunto e até mesmo o compartilhar a existência. Segundo Zilles, “a fé religiosa ilumina a vida inteira e representa uma energia espiritual poderosa para a mudança da vida e da sociedade”.⁵² Enquanto toca o âmbito das relações, “a fé significa abertura ao outro, confiança nele, a atitude de se apoiar em sua força e segurança. A fé religiosa volta-se para Deus como raiz última e sentido da existência”.⁵³

Diante disso, é preciso compreender a importância do momento em que a humanidade vive: não se pode negar os avanços e as contribuições da ciência, da tecnologia e das inovações para o mundo como um todo. A Igreja constantemente alerta para a necessidade de compreender e habitar esses espaços hiperconectados, especialmente porque neles estão presentes as pessoas do tempo hodierno. O Papa Bento XVI, por meio da mensagem do *47º Dia mundial das Comunicações Sociais* alerta que:

⁵¹ Areópago significa literalmente o monte de Marte ou de Ares (qualquer tribunal ou assembleia que se aprecie pela retidão dos julgamentos) (MACKENZIE, JOHN, L. *Dicionário bíblico*, p. 65).

⁵² ZILLES, U. *Fé e razão no mundo da tecnociência*, p. 49.

⁵³ ZILLES, U. *Fé e razão no mundo da tecnociência*, p. 47.

A troca de informações pode transformar-se numa verdadeira comunicação, os contatos podem amadurecer em amizade, as conexões podem facilitar a comunhão. Se as redes sociais são chamadas a concretizar este grande potencial, as pessoas que nelas participam devem esforçar-se por serem autênticas, porque nestes espaços não se partilham apenas ideias e informações, mas em última instância a pessoa comunica-se a si mesma (DMCS).

Se faz necessário cuidar para que cada pessoa não seja apenas mais um número nas redes, e, além disso, que aproveite destes espaços para dar testemunho da sua fé. Seria triste e dúbio pretender viver uma vida autenticamente cristã no mundo *offline*, e ser outra pessoa no mundo *online*. A presença de cada cristão no mundo em rede pede testemunho e coerência. Atualmente, vive-se na sociedade da informação na qual o entorno sociocultural e econômico acusa o impacto de tecnologias que facilitam a criação, distribuição e manipulação da informação.

Em um contexto de revolução digital, que altera âmbitos existenciais, todas as realidades humanas são afetadas de maneira intensa pela dinâmica comunicacional. Cabe frisar, conforme apontado pelo Papa Bento XVI, que na corrida pelos *likes* e pelo aumento de seguidores, as iniciativas de evangelização nas redes podem perder o seu foco, relegando Jesus Cristo ao último lugar da fila das prioridades. A competição, os engajamentos por publicidade e as correntes viciantes dos aplicativos de mensagens podem até satisfazer o ego, mas não preenchem o sentido pleno da existência humana e da vida cristã.

A Palavra de Deus alcança as pessoas através do encontro com testemunhas presentes e vivas. Particularmente, as novas gerações têm necessidade de serem introduzidas na Palavra de Deus através do encontro e do testemunho autêntico de pessoas mais experientes, da influência positiva de amigos e da companhia significativa da comunidade eclesial (VD 97). O Papa Francisco inaugurou seu pontificado recordando que a alegria é a principal característica dos discípulos missionários de Jesus Cristo, e que “o grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada” (EG 2). Isso leva a refletir, conforme Sbardelotto, sobre a comunicação cristã enquanto dinâmica que nasce do encontro e gera encontro.

A comunicação cristã nasce de um encontro com um “outro”. Primeiro, um encontro com um “Outro” maiúsculo, “com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte”. Um evento que transforma e dá sentido à vida, e a transborda com mais sentido e com mais vida. [...] Por isso, evangelizar é principalmente “testemunhar com alegria e simplicidade o que somos e aquilo em que acreditamos”, como tuitou o Papa Francisco no dia 5 de maio de 2014. Ou seja, é fazer com que aquele primeiro encontro pessoal com Jesus se amplie e abrace também outras pessoas.⁵⁴

O mundo digital é fascinante, tem um novo modo de apresentar o conteúdo, uma nova linguagem, um novo modo de estabelecer relações. Por isso, é importante destacar a necessidade de compreensão e anúncio da fé por meio de uma consciência madura, pois “evangelizar” não é apenas questão de imposição de regras a serem aceitas ou praticadas de forma neutra. O processo de evangelização necessita articular fé e vida cotidiana.⁵⁵ Para isso, é importante que se oportunizem espaços de formação e ensino que, de maneira dinâmica e atualizada, e com linguagem adaptada, seja possível um aprofundamento do conteúdo da fé às novas gerações.

Na sociedade atual, as pessoas sentem cada vez mais a necessidade de saber mais sobre a sua fé. Em vez de um professor por tradição, elas necessitam de argumentos e convicções que as façam discernir o caminho religioso a seguir. Dessa forma, o ensino religioso vem se tornando uma necessidade educacional no tocante à orientação dos jovens numa direção contrária aos valores de individualidade e competição da nossa sociedade. O aprofundamento nessa área do conhecimento possibilitará uma conscientização da realidade e uma maior aceitação da diversidade, auxiliando a formação ética e cidadã.⁵⁶

A base da formação cristã é o conhecimento da Palavra de Deus. O estudo da Sagrada Escritura é a alma da inteligência da fé (DV 24). Também se faz necessário um conhecimento do contexto atual, afim de que se prognostique posturas relevantes, do ponto de vista da prática da fé cristã, diante de um “mundo que gira cada vez mais rápido”. Diante de tantas mudanças sociais e culturais, e com o advento das novas tecnologias da comunicação, especialmente, a

⁵⁴ SBARDELLOTTO, M. *Comunicar a fé*, p. 52.

⁵⁵ Seguindo o exemplo de Jesus, os cristãos são provocados a uma constante busca de renovação e transformação de seus métodos evangelizadores. Vale lembrar que, para além de uma comunicação apenas por palavras, em Jesus, o anúncio do Reino de Deus se dá também pelo testemunho do seu modo de viver e agir. De modo geral, os interlocutores do anúncio da fé cristã percebem se há ou não coerência na vida dos evangelizadores entre fé e prática.

⁵⁶ SILVEIRA, A. *Espiritualidade e sagrado no mundo cibernético*, p. 70.

internet e as mídias digitais, a Igreja se vê diante de um novo areópago no qual o Evangelho precisa ser comunicado. Como afirma o Papa Francisco, enquanto maior bem que a Igreja pode oferecer ao mundo, a verdade e a beleza do Evangelho precisam ser comunicadas!

O bem tende sempre a comunicar-se. Toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão; e qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire maior sensibilidade face às necessidades dos outros. E, uma vez comunicando, o bem radica-se e desenvolve-se (EG 9).

A presença da Igreja no ambiente digital é e precisa ser incentivada a ser cada vez mais referência de testemunho e de anúncio do Evangelho. Nesse sentido, a Sagrada Escritura, em Hebreus, afirma: “A fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se veem” (11,1). A fé toca a intimidade, move a inteligência e a vontade. A fé é algo fascinante! Jesus é um comunicador que fascina seus ouvintes, sua fala tem força de atração. Isso acontece pelo seu modo de falar e agir e por sua proximidade com seus interlocutores. Jesus fala de um jeito que as pessoas entendem. Para compreender a função e a formação das redes, Jesus se vale de imagens do cotidiano falando em parábolas.⁵⁷ Numa linguagem mais popular, as parábolas têm a capacidade de sacudir o interior daqueles que as escutam. A comunicação de Jesus continua a inspirar o jeito de evangelizar na atualidade, ainda que seja um jeito distante da cultura digital hodierna, pois o método de Jesus enfatiza uma comunicação marcada por um processo de reciprocidade.⁵⁸

O Evangelho é um conteúdo sublime, por vezes, comunicado sem vitalidade. O mundo digital da crise da modernidade exige uma comunicação onde é necessário chegar ao centro vital da pessoa, gerar vida, inspiração, decisão. Hoje, mais do que nunca, é necessário deixar de lado a comunicação formal e burocrática, substituindo-a por uma comunicação sensível, carismática e ardorosa. O professor Dominique⁵⁹ apresenta uma teoria da comunicação que

⁵⁷ Parábola é uma narrativa curta que usa alegorias para transmitir uma mensagem oral e trabalha com os simbolismos presentes na história. No relato bíblico, Jesus utilizava as parábolas como mecanismo de comunicação da sua mensagem (MACKENZIE, JOHN, L. Dicionário bíblico, p. 631-633).

⁵⁸ Cf. SBARDELLOTTO, M. *Comunicas a fé*, p. 33.

⁵⁹ É um sociólogo francês, especialista em Ciências da Comunicação. Seus temas de estudo incluem mídias, espaço público e comunicação política. É diretor de pesquisa do Centre national de la recherche scientifique, onde coordena o Laboratório de Informação, Comunicação e Implicações Científicas.

supera o conceito de comunicação numa perspectiva reducionista de informação. E apresenta um esquema que explica sua teoria da comunicação em cinco etapas:

Primeiro: comunicação é inerente à condição humana. Não há vida pessoal e coletiva sem vontade de falar, de comunicar, de trocar tanto na escala individual quanto coletiva. Viver é comunicar. Segundo: os seres humanos desejam se comunicar por três razões, mesmo se isso nem sempre é enunciado. Terceiro: a comunicação esbarra na incomunicação. O receptor não está sintonizado ou discorda. Quarto: abre-se uma fase de negociação na qual os protagonistas, de modo mais ou menos livre e igualitário, tentam a chegar um acordo. Cinco: chama-se de convivência, com suas fragilidades e pontos fortes, o resultado positivo dessa negociação. A negociação e a convivência são procedimentos para evitar a incomunicação e suas consequências, frequentemente belicosas⁶⁰.

A apresentação desse esquema segundo o professor é que ninguém no mundo está fora da comunicação: “o horizonte da comunicação é quase sempre a incomunicação; o que é invisível especialmente na ruptura entre informação e comunicação”⁶¹. É interessante as oposições que o sociólogo aborda sobre as concepções de comunicação. A primeira com o avanço da tecnologia num progresso da comunicação que beneficia a indústria. E a outra numa perspectiva antropológica da comunicação privilegia o bom relacionamento entre as culturas e indivíduos, demonstrando a incompatibilidade de visão em relação o homem e a tecnologia⁶².

Numa entrevista do sociólogo Dominique com o Papa Francisco eles conversam sobre comunicação, seus vários aspectos e no diálogo vão formulando uma conceituação abrangente do que seria comunicação. No início da conversa o sociólogo apresenta a sua teoria da comunicação ao papa:

A teoria da comunicação que defendo há anos é uma teoria humanista e política, não é técnica e econômica. Como o senhor! Mas essa teoria humanista é muito minoritária, porque todos preferem as técnicas e a economia. Contudo, o mais importante é o homem, o diálogo, não as técnicas. Aliás, olhando bem, para além da performance impressionante das técnicas, é sempre a relação humana que é buscada... Isso se associa a sua busca de pontes. E a primeira delas é dar as mãos⁶³!

⁶⁰ WORTON, D. *Informar não é comunicar*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011, p. 19

⁶¹ WORTON, D. *Informar não é comunicar*, p. 20

⁶² WORTON, D. *Informar não é comunicar*, p. 20

⁶³ FRANCISCO, Papa. *O futuro da fé: Entrevista com o sociólogo Dominique Worton*. Rio de Janeiro: Petra, 2018, p.112

O Papa Francisco a após escutar a teoria do Dominique apresenta uma ideia de comunicação interessante a linguagem dos gestos. Aspecto importante numa comunicação humanizada onde privilegia o próximo na acolhida.

Na entrevista outro ponto importante é quando o Papa Francisco apresenta um conceito de comunicação e diz “A comunicação é uma trindade, um mistério, na maneira como é transmitido. Porém a Bíblia nos diz que Deus fez o homem e a mulher a sua imagem. O mesmo vale para a maneira como eles se comunicam entre si. Com palavra, com carícias, com a sexualidade, com o silêncio⁶⁴...” Vemos nesse conceito do Papa Francisco a valorização de uma comunicação relacional que se exprime com sons, sentidos, escuta. Uma comunicação dinâmica e autêntica.

No final da entrevista o Papa Francisco é indagado “Por que não uma encíclica sobre os desafios da comunicação humana e técnica? Isso seria útil diante do silêncio atual. Ainda mais que a Igreja tomou posição muito cedo quanto ao radio e a televisão. Seria possível dizer sim ao progresso técnico, mas cuidado com a comunicação humana”⁶⁵... O Papa Francisco em sua resposta confirma os perigos que podem surgir com o progresso técnico chamando atenção para o perigo de um fechamento da comunicação exclusivamente técnica⁶⁶.

Em seu pontificado o Papa Francisco tem sempre recordado a importância de todos os avanços da comunicação, especialmente pelas diversas plataformas digitais em suas múltiplas expressões. No entanto, o pontífice chama a atenção para que todos esses avanços tornem o ser humano mais aberto ao encontro com as demais pessoas e com o ambiente em que vive.

A comunicação realiza-se a partir do coração do Evangelho. Comunicar o Evangelho é deixar a zona de conforto, para colocar-se junto daquele que precisa, pondo de lado o medo de se contaminar, de ficar impuro (Mt 15, 10-11; Mc 7,1-23). O Papa Francisco tem o desejo de uma Igreja em saída missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar este chamado: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do

⁶⁴ FRANCISCO, Papa. *O futuro da fé: Entrevista com o sociólogo Dominique Worton*. p.114

⁶⁵ FRANCISCO, Papa. *O futuro da fé: Entrevista com o sociólogo Dominique Worton*. p.126

⁶⁶ FRANCISCO, Papa. *O futuro da fé: Entrevista com o sociólogo Dominique Worton*. p.126

Evangelho (EG, 20). A internet possibilita constituir redes e viver em rede. Essas são novas formas de nutrir uma fé vivida de maneira fraterna e comunitária.

Comunicar o Evangelho é comprometer-se com a ética e com a verdade, e isso precisa estar presente no ambiente digital. A CNBB afirma que as mídias digitais fomentam caminhos de encontro e diálogo entre pessoas de diferentes nacionalidades, culturas e religiões (DCIB 175). Num processo de comunicação, isso tem uma importância fundamental, pois gera diálogo, questionamentos e discussão úteis para o fazer teológico em tempos de rede.

2.2 TEOLOGIA EM TEMPOS DE REDE

Jesus aproxima-se da barca de Simão e diz: “lançai as redes” (Lc 5,1-11).⁶⁷ O relato antes evidencia que o Mestre ensinava a multidão que se comprimia para ouvir sua palavra perto das águas. Em dado momento, Simão e seus companheiros chegam com o plano de deixar o barco, querem agora a terra firme, estão cansados e frustrados, pois nada pescaram. São, porém, surpreendidos: Jesus sobe ao barco e contrariando o que tinham em mente, pede a eles que voltem e que adentrem ainda mais nas águas. Então, faz o pedido: “lançai as redes”. É preciso refletir. O peixe pescado é geralmente morto. Morto, dará vida: se tornará alimento e dará vigor a quem dele se alimentar. O pedido de Jesus a Simão e seus companheiros, já cansados e frustrados, é que não desistam, mas que ousem ir adiante. É a morte que os aguarda, e, porventura, a nova vida.

“Lançai as redes e pescai gente”, esta é a nova leitura dada por Jesus à missão de pescar. Cabe à Igreja, barca de Pedro, a missão de navegar e pescar gente nas águas revoltas de um mundo cheio de desafios e abalado por tantas tormentas. Mesmo diante de um pedido tão inusitado, Simão prontamente decide: “em atenção à sua palavra, Senhor, lançarei as redes”. A Igreja segue essa lógica: como as redes de pesca lançadas ao mar para apanhar peixes, a Igreja se lança às redes sociais. Diante do medo e do sentimento de incapacidade, Jesus afirma: “não

⁶⁷ O relato da pesca em mar revolto e o *chamado-envio* de Jesus aos discípulos para a missão de “pescadores de gente” está presente, de maneira diversa, nas quatro narrativas do Evangelho. Em Mateus (4,16-20) e Marcos (1,16-20), de modo pouco detalhado. Em João (21,1-11), encontramos o relato cronologicamente deslocado do arco da missão pública de Jesus e apresentado como uma das aparições do Ressuscitado. No presente artigo, a referência será a narrativa de Lucas.

temas”. O relato se conclui quando Pedro e seus companheiros deixam tudo e seguem Jesus em uma nova missão.

A nova missão hoje pode ser o ambiente digital que surge como um novo lugar teológico. Cabe à ciberteologia demonstrar que a reflexão teológica é possível no ambiente digital, tendo em conta suas peculiaridades, pois tal ambiente certamente tem exigências outras que aquelas do modo mais comum de se produzir pensamento teológico em outros contextos. Descobrir esses novos lugares teológicos é considerar que a encarnação de Jesus assumiu todas realidades existentes. A ciberteologia entende a cultura digital como um lugar teológico. A teóloga Aline Amaro diz que:

Assim, a Ciberteologia pode ser considerada como uma teologia dos sinais dos tempos. O que a Ciberteologia traz de novidade é perceber que a comunicação na sociedade atual não pode ser separada da vida, é um erro tentar separar *house de home*, a teoria da prática, o meio da mensagem, a forma do conteúdo, por isso, ao refletir teologicamente sobre a internet, a Ciberteologia não isola objeto comunicação digital da vida das pessoas que a experimentam. Assim, a Ciberteologia não estuda apenas a comunicação e o meio digital como um instrumento, mas reflete sobre a vida hipercomunicativa da sociedade em rede⁶⁸.

A reflexão teológica apresentada pela Ciberteologia não se limita ao estudo da comunicação como instrumento, mas considera as relações tecidas no ambiente digital. “A teologia comunicativa liga a teologia tradicional baseada nos lugares teológicos próprios, especialmente Sagrada Escritura e Tradição, com novas visões e métodos que podem ser considerados lugares teológicos alheios, provenientes da razão humana⁶⁹”.

Uma das contribuições significativas da teologia da Comunicação é a possibilidade que ela pode fornecer para os outros métodos teológicos sobre a compreensão das estruturas constitutivas da cultura digital. A pesquisadora Aline apresenta a rede como um lugar para fazer teologia:

Desde a criação da internet, surgiram manifestações religiosas na web, igrejas e comunidades on-line, espiritualidades mistas, ecumênicas e neo-paganismo. Por isso, é fácil constatar que a internet é um lugar sagrado, espaço de prática de fé onde

⁶⁸ SILVA, Aline Amaro da. Amigas e amigos no Amigo, p.16.

⁶⁹ SILVA, Aline Amaro da. Amigas e amigos no Amigo, p.50.

acontecem manifestações do sagrado a teologia do Vaticano II dos sinais dos tempos – acontecimentos que marcam o tempo e a história – quanto como as categorias clássicas de Melchor Cano dentro dos lugares teológicos alheios – conhecimento oriundo da razão e história humanas. Portanto, a rede é o lugar social de onde o teólogo se situa para ler a sua fé e o mundo ao seu redor à luz da fé⁷⁰.

Recordemos o Discurso *Gaudet Mater Ecclesia* com o qual o Papa João XXIII faz a abertura solene do Concílio Vaticano II. Através da proposta de um *aggiornamento* para toda a Igreja, este discurso resgata a consoladora promessa escrita em Mateus: “eis que estou convosco todos os dias até o fim dos séculos” (28,20). Tal afirmativa é uma profissão de fé em Deus sempre presente e na sua assistência próxima à Igreja no mundo em curso, o que permite a iniciativa confiante de ouvi-Lo para dizer à sociedade a Boa Nova da Palavra que é Cristo, Verbo Encarnado, numa nova linguagem, a fim de que os valores do Evangelho sejam continuamente acessíveis aos homens e mulheres de cada tempo, pois, como afirma Walter Kasper, “o Evangelho de Jesus Cristo não é uma realidade morta de papel, mas uma realidade que acontece vivamente no Espírito Santo e vivenciada na Igreja”.⁷¹

A confiante iniciativa, manifesta de maneira inesperada por João XXIII, dá-se, sim, em momento de incertezas. São inúmeras as transformações socioculturais em curso. Todavia, é precisamente aí que ressoa o “tende confiança” (Jo 16) que Cristo dirige à Igreja para prosseguir em sua missão teândrica em favor da glória de Deus e da dignidade humana. A Igreja enquanto sacramento de Deus, busca ser um sinal eficaz, diante do mundo, da comunhão com Deus e com toda a humanidade (LG 1), e sente intimamente conectada aos anseios humanos, suas alegrias e esperanças, sofrimentos e angústias, interpretando os sinais dos tempos à luz do Evangelho, para pode responder a cada geração de modo adaptado (GS 1).

Diante das “rápidas e profundas transformações” (GS 4) da era atual, é preciso salvaguardar, para além de qualquer outro bem, o bem da pessoa humana em sua dignidade inalienável e em sua integralidade. É necessário pensar uma antropologia integral, na qual homem e mulher não sem diminuídos, e suas relações fundamentais – consigo, com os outros, com o meio ambiente e com Deus – sejam zeladas e fomentadas. O ser humano, criado para a relação e a comunhão, tem como vocação fundamental a comunicação. O outro é sempre um

⁷⁰ SILVA, Aline Amaro da. *Amigas e amigos no Amigo*, p.81.

⁷¹ KASPER, W. *A Igreja católica*, p. 79.

mistério que desperta para uma dinâmica de transcendência, fazendo emergir para a aventura da comunicação. De acordo com Diéz,

A história humana é teologicamente a história de um diálogo entre Deus e o homem. O diálogo entre Deus e o homem que os relatos da Criação descrevem de uma forma tão antropomórfica reflete bem este ideal supremo da vocação última do homem. A comunicação com Deus não retira valor teológico à comunicação especificamente humana; na verdade, fundamenta essa dimensão teológica de toda a comunicação. A experiência e a prática da comunicação humana são talvez as experiências que mais nos aproximam do conhecimento do ser intratrinitário. Se a comunicação humana está no centro da vocação histórica do homem, o diálogo com Deus, a comunicação com a divindade, é a vocação sobrenatural do homem. Só a Revelação e a fé oferecem condições de possibilidade dessa comunicação.⁷²

Em suma, segundo a célebre síntese de Santo Irineu: “a glória de Deus, o *ser humano* vivo; vida do *ser humano*, a visão de Deus”.⁷³ A Igreja, então, louva o avanço da ciência e da técnica, e igualmente reconhece o quanto ela mesma se beneficia dessas conquistas em favor da história e da evolução do gênero humano (GS 44). Exorta, porém, “que o reconhecimento de Deus de modo algum se opõe à dignidade humana. [...] Antes o contrário, quando se esquece Deus a própria humanidade se obscurece” (GS 20). Como *Mãe e Mestra*, a Igreja ocupa-se do mundo, pois é no mundo que está seu *corpo de fiéis*, e é nele onde cumpre sua missão *em prol de toda a humanidade* (GS 40), não como um fóssil petrificado, mas como um organismo vivo e contextualizado, e que, portanto, não deixa de acompanhar a vida cotidiana da sociedade e salvaguardar a dignidade e a plenitude de todos os homens e mulheres, para a maior glória de Deus.

Kasper ressalta que “a Igreja nunca é uma realidade puramente suprassensível”.⁷⁴ As encíclicas sociais da Igreja, desde Leão XIII, e o espírito pastoral do Concílio Vaticano II, confirmam esta perspectiva. A propósito, o Pontifício Conselho de Justiça e Paz afirma que a Igreja jamais renunciou a se pronunciar sobre as questões da vida social⁷⁵, justamente em virtude de sua missão intra-histórica. Esta abordagem encarna a visão de que a fé não se desliga das realidades terrenas, mas, pelo contrário, busca iluminá-las e transformá-las. Assim, a Igreja

⁷² DÍEZ, F. M. *Teologia da comunicação*, p. 174-175.

⁷³ SANTO IRINEU *apud* LITURGIA DAS HORAS. *Ofício das leituras*, p. 1450.

⁷⁴ KASPER, W. *A Igreja católica*, p. 74.

⁷⁵ PONTIFÍCIO CONSELHO DE JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, n. 300.

se posiciona não como um ente isolado do mundo, mas como uma comunidade profundamente imersa e comprometida com os desafios humanos, sociais e éticos de cada época.

Por isso, o Papa Francisco convoca a Igreja *se lançar às redes*. Na era da tecnologia, a multidão não se comprime perto das águas, mas mergulhada em um mar de informações, se reúne nos novos areópagos digitais. Como afirma o pontífice, “a tecnologia digital dá-nos a possibilidade duma informação em primeira mão e rápida, por vezes muito útil” (DMCS). É também nas redes que as pessoas buscam respostas de fé, debatem suas dúvidas e têm sua catequese, até mais que pelas *vias tradicionais*.⁷⁶ Por isso, é necessário que a teologia também navegue nas águas do ambiente digital e lance suas redes. O teólogo Felicísimo Martínez Díez⁷⁷ inicia sua reflexão sobre o contexto das redes partindo da dinâmica da própria Criação como o primeiro gesto comunicador de Deus.

O Deus da Revelação judaico-cristã é um Deus criador, que sai de si mesmo, cria algo distinto de si mesmo e mantém uma relação e comunicação permanentes com as criaturas. É um Deus em constante comunicação com o outro, com o que é distinto, com as criaturas, e especialmente com o homem.⁷⁸

Assim, a teologia, ao adentrar esse novo âmbito, deve refletir essa natureza comunicativa divina, explorando formas inovadoras de interação e diálogo. Ao se aventurar no ambiente digital, a teologia não apenas responde às inquietações e anseios dos fiéis contemporâneos, mas também permanece fiel à sua missão de propagar a Palavra, enriquecendo a tradição com novas formas de expressão e compreensão. Portanto, assim como Deus estabelece uma comunicação incessante e transformadora com sua criação, a teologia é chamada a fazer o mesmo, mantendo uma presença ativa e significativa nos espaços digitais, onde o sagrado e o cotidiano se entrelaçam de maneiras cada vez mais complexas e profundas. Como afirma Díez,

a comunhão como vocação última do ser humano, a dignidade humana e a realização plena das pessoas, a verdade e o diálogo, a solidariedade e a fraternidade... são alguns

⁷⁶ Sobre o tema da catequese no ambiente digital, conferir: SILVA, A. A. *Catequese digital*.

⁷⁷ Para aspectos biográficos de F. M. Díez, conferir: PPC EDITORIAL.ES. *Felicísimo Martínez Díez*.

⁷⁸ DÍEZ, F. M. *Teologia da comunicação*, p. 72.

dos valores teológicos fundamentais que estão em jogo na experiência e na prática da comunicação. Não se trata de simples valores éticos ou morais. Eles têm também uma dimensão teologal. São mediações da experiência de Deus, da revelação do Reino de Deus e da sua justiça. É por isso que a comunicação é um verdadeiro lugar teológico, e por isso tem a capacidade reveladora singular para aqueles que a contemplam à luz da fé.⁷⁹

Pode-se dizer que o fazer teológico é um fazer comunicativo, pois é um refletir sobre o conhecimento, a experiência e a prática da fé enquanto processo comunicativo revelado. Além disso, a teologia trata, do ponto de vista litúrgico-doxológico, de um Mistério de Graça rezado e celebrado através de sinais, gestos e palavras que tornam possível uma relação entre o divino transcendente e a imanência inter-humana. Nessa interação, o elemento comunicativo é evidente, pois é na liturgia e na oração que a comunidade de fé se une, não apenas para expressar sua devoção, mas também para vivenciar e comunicar o divino de maneira coletiva e palpável. A teologia, ao se engajar nessa dimensão, não somente interpreta e discerne os mistérios da fé, mas também participa ativamente na comunicação destes, refletindo e ampliando a maneira como o divino se relaciona e se revela ao humano. Para isso, o fazer teológico-comunicativo segue, segundo Sbardelotto, a própria dinâmica da encarnação:

A fé cristã celebra o mistério da encarnação de Deus na pessoa de Jesus, do próprio Ser divino que se faz ser humano. Nesse fazer-se carne de Jesus, ao longo de toda a sua vida, podemos contemplar também a construção da sua humanidade nas relações que Ele ia estabelecendo com as pessoas, com as coisas, com os lugares, com os instantes. Entre os ditos e os feitos de Jesus, revela-se um jeito de comunicar próprio e específico. Ele vivia uma comunicação encarnada no espaço (o lugar a partir de onde Ele falava, na mesma cultura de seus contemporâneos) e no tempo (o momento em que Ele falava, na mesma história dos seus contemporâneos), que também iam moldando a sua própria comunicação.⁸⁰

Desta forma na Encarnação, se completa o diálogo entre Deus e o ser humano, e nela, se evoca um traço especial de toda comunicação humana: o entendimento tem como fonte de informação as experiências vividas e os conhecimentos transmitidos nas dinâmicas relacionais. Nessa comunhão-comunicação, o próprio Jesus traz à tona o divino que há nas pessoas, pois comunicar-se com alguém é gerar uma sinergia que toca a profundidade da pessoa. Sendo

⁷⁹ DÍEZ, F. M. *Teologia da comunicação*, p. 71.

⁸⁰ SBARDELOTTO, M. *Comunicar a fé*, p. 36.

assim, o fazer teológico é fruto da ação divina e humana, que parte da iniciativa divina – que *primeireia* no amor (1Jo 4,10.19) – e se completa com a resposta e colaboração humana. A teologia parte das experiências de Revelação e tem como grande referência os lugares da manifestação de Deus, que constantemente toca a realidade humana como um dom que precisa ser acolhido na fé, aprofundado pela inteligência e vivenciado na prática.

A Palavra eterna de Deus se fez gente, habitou entre nós (Jo 1,14), estabeleceu relação com a humanidade, mesmo que esta não a tenha recebido devidamente (Jo 1,11). Assim, “a pedagogia divina da comunicação conhece seu ápice no Mistério da Encarnação. Deus não limitou a sua comunicação à mediação da palavra ou da imagem. Ele a levou até o limite insuspeito da Encarnação”.⁸¹ Em outros termos, “Deus assumiu a condição humana, encarnou-se, para que um homem, Jesus de Nazaré, fosse pessoalmente a palavra e a imagem do Deus invisível. Na encarnação, a Palavra e a imagem adquirem toda a sua função reveladora e comunicadora”.⁸² Portanto, “a encarnação é o nível mais alto da comunicação entre Deus e o homem. Em Cristo, Deus dá-se a conhecer plenamente. Ele é a exegese de Deus. Já não é mais possível o acesso ao conhecimento e à comunicação com Deus, se não for através de Jesus, o Cristo”.⁸³

No contexto da teologia contemporânea, a compreensão da revelação cristã e da autocomunicação de Deus assume uma dimensão profundamente relacional e existencial. A revelação não se configura simplesmente como um conjunto de doutrinas ou uma série de eventos históricos, mas é entendida primordialmente como a manifestação do próprio ser de Deus, que se comunica de maneira íntima e pessoal com a humanidade⁸⁴.

Essa perspectiva enfatiza que Deus é o horizonte absoluto de toda existência humana, uma realidade subjacente que antecede e transcende toda experiência e entendimento. Assim, a autocomunicação divina é vista como um movimento contínuo de Deus em direção ao ser humano⁸⁵, um convite incessante para entrar em um relacionamento profundo de conhecimento

⁸¹ BOMBONATTO, V. I.; ALTERMEYER JÚNIOR, F. *Teologia e comunicação*, p. 73.

⁸² BOMBONATTO, V. I.; ALTERMEYER JÚNIOR, F. *Teologia e comunicação*, p. 73.

⁸³ BOMBONATTO, V. I.; ALTERMEYER JÚNIOR, F. *Teologia e comunicação*, p. 73.

⁸⁴ Cf. RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*, p. 147-154.

⁸⁵ Cf. BENTO XVI, *Discurso aos participantes no congresso para os responsáveis pelas rádios católicas*. 20/06/2008.

e amor. O ser humano é intrinsecamente um ser aberto à transcendência, capacitado para experimentar e responder a essa comunicação.

Dentro deste quadro, a revelação divina alcança seu ponto culminante na figura de Jesus Cristo, em quem Deus assume a forma humana, tornando-se assim acessível e compreensível de maneira singular. Cristo é visto como a realização definitiva e a expressão concreta da autocomunicação de Deus, onde a distância entre o divino e o humano é efetivamente superada. No entanto, essa revelação não se encerra nos eventos da vida de Cristo; ela persiste na ação contínua do Espírito Santo na Igreja e no íntimo de cada fiel, fazendo da revelação uma realidade dinâmica e contínua que se revela e se manifesta na experiência humana.

Portanto, cada pessoa é considerada um "ouvinte da palavra", e a revelação de Deus emerge como um convite pessoal para cada indivíduo, desafiando-o a uma compreensão mais profunda de sua própria existência à luz da presença e ação contínua de Deus no mundo. Assim, a revelação e a autocomunicação de Deus transcendem a mera aceitação de eventos históricos ou doutrinas; elas se apresentam como realidades vivas que questionam, transformam e elevam a existência humana em sua busca incessante por plenitude e significado.

A Revelação bíblica expressa proficuamente o Mistério da autocomunicação divina como uma Economia de Salvação onde “Deus Pai, com ternura e misericórdia, dirigiu ao ser humano numerosas e sábias palavras”.⁸⁶ Conforme afirma a Carta aos Hebreus, “muitas vezes e de muitos modos, Deus falou outrora aos nossos pais, pelos profetas. Nestes dias, que são os últimos, falou-nos por meio do Filho” (Hb 1,1-2). Segundo a Revelação cristã, Deus, “em seu eterno desígnio de amor (Gl 4,4), falou por meio de seu Filho Jesus. Ele é a Palavra do Pai, nova, última e definitiva. Não precisamos esperar outras”.⁸⁷ Diante disso, declara Simão Pedro: “A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna” (Jo 6,68). Nesse sentido, “todas as demais palavras devem ser discernidas à luz da Palavra que se fez carne”⁸⁸, pois, além de ser Ela “viva, eficaz e mais penetrante que qualquer espada de dois gumes” (Hb 4,12), congrega e reúne, transforma e renova as pessoas humanas nas suas relações pessoais, comunitárias, sejam elas on-line ou off-line, virtuais ou presenciais, em pequenos ou em grandes grupos.

⁸⁶ BOMBONATTO, V. I.; ALTERMEYER JÚNIOR, F. *Teologia e comunicação*, p. 154.

⁸⁷ BOMBONATTO, V. I.; ALTERMEYER JÚNIOR, F. *Teologia e comunicação*, p. 154.

⁸⁸ BOMBONATTO, V. I.; ALTERMEYER JÚNIOR, F. *Teologia e comunicação*, p. 154.

Desse modo, “a humanidade de Jesus dialoga com a humanidade dos homens, suas palavras, seus gestos, seus sentimentos, os símbolos que utiliza, até sua dor e morte. Tudo nele fala. Suas respostas a situações do dia a dia mostram um diálogo que ultrapassa o aspecto literal de sua pregação”.⁸⁹ Inclusive, as “suas obras (Jo 10,37-38) se tornam signos (Jo 12,37) e o plano de Deus se cumpre (Lc 4,21). [...] O Cristo comunicador ultrapassa o limite do código verbal. Ele assumiu os códigos da ‘carne’, se tornou Deus conosco, próximo e identificado com o ser humano”⁹⁰. Jesus utiliza os mesmos códigos dos interlocutores, mergulha na cultura de seu povo e faz da linguagem humana e de todo o seu ser, emoções, sentimentos, desejos, gestos e atitudes, instrumentos ou canais para transmitir a mensagem da salvação. Como muito bem afirmou Paulo, Jesus de Nazaré “é a imagem visível do Deus invisível” (Cl 1,15), o signo eficaz, o sacramento do Pai. Jesus anuncia e cumpre o desígnio salvífico do Pai (Hb 10,5-10). Em Jesus se realiza direta e plenamente o diálogo entre Deus e a humanidade.

Considerando o evento da Encarnação como a via teológica por excelência, é preciso se questionar: Qual será o problema fundamental da teologia? Qual seu objeto de pesquisa? Buscando responder esses questionamentos, Comblin vai afirmar que “o problema teológico fundamental não é o de definir as essências dos objetos revelados. Essas essências não estão ao nosso alcance. O problema fundamental é: Como ser cristão hoje? Que faria Cristo hoje? Como interpretar o momento atual?”.⁹¹ Nesse sentido, é preciso situar os dados revelados em relação às grandes perguntas que sustentam a vivência cristã na atualidade. Deus, o Cristo, o Espírito, o pecado, a salvação, a Igreja, e os demais temas da fé cristã necessitam ser contemplados em seu significado na perspectiva da missão de Cristo hoje.⁹²

O ponto de partida da teologia em tempos de rede precisa tocar os questionamentos que vem do próprio contexto dos interlocutores do conteúdo da fé cristã. Do contrário, o fazer teológico se tornará irrelevante. Em tempos de redes, percebe-se como as pessoas ficaram impressionadas com a mudança que o Smartphone produziu no seu dia a dia, ao ponto de se tornar comum expressões como: “este aparelho deveria ser implantado no cérebro”. Contudo,

⁸⁹ BOMBONATTO, V. I.; ALTERMEYER JÚNIOR, F. *Teologia e comunicação*, p. 74.

⁹⁰ BOMBONATTO, V. I.; ALTERMEYER JÚNIOR, F. *Teologia e comunicação*, p. 74.

⁹¹ COMBLIN, J. *Teologia da missão*, p. 15.

⁹² Cf. COMBLIN, J. *Teologia da missão*, p. 15.

mesmo não estando implantado fisicamente, este foi incorporado na rotina das pessoas, de modo que já não se vive sem ele.⁹³

De modo geral, é possível afirmar que a rede é um recurso do nosso tempo: uma fonte de conhecimentos e relações outrora impensáveis (DMCS). O virtual passou a ser parte do real, misturam-se (híbrido), ora on-line ora off-line. Cada vez mais, as pessoas se encontram e se relacionam em rede. Todavia, “se é verdade que a internet constitui uma possibilidade extraordinária de acesso ao saber, verdade é também que se revelou como um dos locais mais expostos à desinformação e à distorção consciente e pilotada dos fatos e relações” (DMCS). O Papa Francisco exorta que a real comunicação precisa contemplar a si mesmo em comunicação com o outro, tendo em vista rostos concretos (FT 87) e uma vida humana autêntica que subsiste onde há vínculo, comunhão, fraternidade e verdadeiras relações e vínculos de fidelidade. Não se pode viver apenas para si, como uma ilha, pois nesta atitude prevalece a morte, não a vida. A vida propriamente humana está “na interioridade de cada pessoa que se sente inserida numa rede de comunhão e pertença” (LS 148). O Deus judaico-cristão é o Deus da vida; é o Deus que se relaciona e autocomunica; é Deus conosco (Is 7,14; Jo 1,14).

Acerca da teologia, em meio às mudanças do nosso tempo, declarou a *Congregação para a Doutrina da fé*: “em todas as épocas, a teologia é importante para que a Igreja possa dar uma resposta ao desígnio de Deus, ‘que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade’ (1Tm 2,4)” (DVe 1). A teologia, “em tempos de grandes mudanças espirituais e culturais [...] é ainda mais importante, mas também exposta a riscos, devendo esforçar-se para ‘permanecer’ na verdade (Jo 8,31) e ao mesmo tempo ter em consideração os novos problemas que interpelam o espírito humano” (DVe 1). Neste tempo de redes, a teologia contribui para que a fé se torne comunicável (DVe 7).

Quatro são os critérios, segundo o Papa Francisco (VG 4), dos estudos teológicos, próprios ao tempo atual: a) A contemplação do “Evangelho de Jesus, que cada vez mais e melhor se vai fazendo carne, na vida da Igreja e da humanidade”, nos mais necessitados, nos vulneráveis, inclusive na beleza do cosmo, em toda obra criada; b) O diálogo sem reservas, “não como mera atitude tática, mas como exigência intrínseca para fazer experiência comunitária da alegria da Verdade e aprofundar o seu significado e implicações práticas”, em um intercâmbio de dons e em uma autêntica cultura do encontro; c) A interdisciplinaridade e a

⁹³ Cf. BOMBONATTO, V. I.; ALTERMEYER JÚNIOR, F. *Teologia e comunicação*, p. 27.

transdisciplinaridade enquanto são “exercidas com sabedoria e criatividade à luz da Revelação”; d) A criação de redes e o compartilhamento de pesquisas, meios, ferramentas e resultados, facilitados pela conectividade digital.

Em tempos de redes, a Igreja é chamada a navegar no dinamismo comunicativo do ambiente digital, estendendo sua missão evangelizadora aos novos areópagos onde se entrelaçam fé e tecnologia. O Papa Francisco, com sua visão profética, reconhece o potencial transformador dessa interação, onde a fé pode encontrar novas expressões e ressonâncias no coração dos homens e mulheres de nosso tempo. A presença da Igreja no mundo digital não é uma mera adaptação aos tempos modernos, mas uma resposta autêntica ao chamado de Cristo para lançar as redes mais amplamente, alcançando corações em todos os recantos do mundo virtual e real.

A ciberteologia, nesse contexto, surge como um campo fecundo de reflexão teológica, explorando os desafios e possibilidades que a cultura digital apresenta à transmissão da fé. Este novo ramo teológico não apenas estuda a comunicação digital como instrumento, mas também mergulha profundamente nas interações humanas que se tecem nesse ambiente, reconhecendo a relevância dessas relações na experiência contemporânea de fé. Assim, a teologia em tempos de rede não se limita a uma adaptação superficial, mas se aprofunda na busca de compreender e articular a fé no dinamismo interativo e sempre em evolução do mundo digital.

Nesse esforço, a teologia é chamada a ser ponte entre a tradição e a inovação, entre o sagrado e o cotidiano, dialogando com a cultura contemporânea em sua diversidade e complexidade. Este diálogo não é apenas uma estratégia de comunicação, mas uma expressão genuína do encontro transformador entre Deus e a humanidade, um encontro que continua a se desdobrar e a enriquecer a jornada de fé em cada novo contexto histórico e cultural.

A compreensão e o anúncio da fé em tempos de redes representam o ponto de partida para uma jornada mais ampla e desafiadora, que se desdobra na vivência concreta e ativa dessa mesma fé. O próximo capítulo, "Das Redes à Vivência da Fé: Propostas Pastorais", se propõe a explorar esse caminho, apresentando propostas concretas para encarnar a mensagem do Evangelho na realidade digital contemporânea. A transição do anúncio para a vivência implica uma imersão mais profunda e comprometida, traduzindo-se em práticas pastorais concretas.

3 DAS REDES À VIVÊNCIA DA FÉ: PROPOSTAS PASTORAIS

Todo conhecimento sobre a fé e as possibilidades do aprofundamento de uma experiência com a pessoa de Jesus Cristo deve impulsionar os crentes numa vivência de sua fé que os leve a testemunhar em suas ações pessoais e pastorais. No presente capítulo, serão abordados três pilares essenciais para a vivência da fé no ambiente digital: o *querigma*, como o anúncio fundamental da Boa Nova de Jesus Cristo; a Catequese, como o processo formativo que aprofunda e nutre a fé; e a Vivência da Fé, que busca traduzir a doutrina em ação, guiando os fiéis a viverem sua fé de maneira autêntica e transformadora, tanto no ambiente digital quanto na comunidade presencial. Este percurso não apenas responde aos desafios da era digital, mas também celebra as inúmeras possibilidades que ela oferece para a comunhão, a formação e a missão da Igreja em um mundo cada vez mais interconectado.

3.1 QUERIGMA EM TEMPOS DE REDES

A palavra grega *querigma* significa anúncio. E uma das tarefas mais importantes da Igreja é a proclamação de uma boa notícia que é a mensagem central de sua evangelização. Em tempos de rede, o *querigma* tem o desafio de chegar ao mundo digital, que está inserido numa cultura própria. Para tanto, faz-se necessário participar da vida dos evangelizados no ambiente em que se encontram e, a partir de sua cultura, entender sua linguagem, o que eles têm como valores etc., pois, compreendendo bem o campo de missão, será possível alcançarmos mais possibilidades de entrar na dinâmica de vida das pessoas e ter credibilidade para realizar a ação pastoral. Deve ser claro que:

Toda evangelização é centrada na pessoa de Jesus Cristo que – como cabeça do corpo místico da Igreja – é o protagonista da missão; e no ser humano integral, destinatário privilegiado da ação pastoral. O anunciador não propaga a si próprio, mas o Evangelho de Jesus, que conduz todos aqueles que são alcançados pelo anúncio a uma mudança de vida. Tal conversão deve causar no evangelizado uma abertura de coração, para um olhar diferenciado sobre o mundo, de modo que já não será capaz de ser indiferente às questões que envolvem a sociedade⁹⁴.

⁹⁴ Gripp e Martins (2022, p. 3)

Na contemporaneidade, o ser humano está inserido em um contexto cultural com muitas inovações tecnológicas e não está imune a elas. Esses avanços mudam os relacionamentos em sociedade e criam padrões de comportamentos complexos que moldam o ser humano, inserido em uma dinâmica de vida muitas vezes individualista. O desafio do *querigma*, principalmente para alcançar os jovens, é alertar para o verdadeiro significado de comunicação. Nesse sentido, o Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil nos ajuda a entender o profundo sentido da palavra comunicação:

A palavra comunicação provém do latim *com-munus*, aquilo que é compartilhado, ou seja, um dom pessoal ofertado a outro ou um dever de todos para com todos. Ela é ação que favorece a partilha de um dom ou dever recíproco entre os membros de uma sociedade. A comunicação tem como objetivo primordial criar comunhão, estabelecer vínculos de relações, promover o bem comum, o serviço e o diálogo na comunidade. Sem essa ação, não há nem comunhão, nem comunidade. Como seres sociais, “precisamos de comunicar, descobrir as riquezas de cada um, valorizar aquilo que nos une e olhar as diferenças como possibilidades de crescimento no respeito por todos”. (FT, n. 134).⁹⁵

Muitos são os desafios de uma evangelização que desperte nas pessoas o valor do próximo e a importância de que, em comunidade, os problemas podem ser solucionados com mais força. O *querigma* sempre deve estar a serviço da verdade e não compactuar com as *fake news*, que são contrárias ao ensinamento de Cristo que em seu evangelho ensina: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6).

As *fake news* têm “por objetivo desacreditar pessoas ou deturpar um acontecimento, de modo que haja repercussão, influenciando, equivocadamente, a opinião pública. É a potencialização da fofoca, pela comunicação rápida e irrestrita⁹⁶. Por isso, é necessário que os cristãos testemunhem, em suas postagens, mensagens, vídeos etc., conteúdos que promovam a paz e a comunhão entre as pessoas.

Antes de serem enviados para outras culturas, os missionários são convidados a estudar o local para onde estão indo, para que possam respeitar os costumes e se inserirem adequadamente na realidade em que vão viver. Assim também deve acontecer com os

⁹⁵ DCIB, n. 13.

⁹⁶ ORIOLO, Edson. Evangelização on-line, p. 93.

missionários digitais, a fim de que não sejam ridicularizados por não entenderem a dinâmica do ambiente no qual estão. Um recente aplicativo chamado TikTok tem atraído a presença de muitas pessoas em todo o mundo. Sobre a origem desse aplicativo e seu funcionamento, vale destacar:

O aplicativo TikTok originou-se em 2017 a partir da compra do aplicativo Musical.ly pela empresa chinesa Beijing Bytedance Technology. O aplicativo Musical.ly foi projetado para que os usuários criassem e compartilhassem vídeos dublando músicas. Essa funcionalidade foi expandida e o aplicativo mudou seu nome para TikTok, de modo a se tornar um aplicativo de mídia social para criação, interação e compartilhamento de vídeos pequenos, durando em torno de 15 a 60 segundos (SURDI JUNIOR, 2021).

Dentro do aplicativo o usuário descobre diversos tipos de conteúdo, dentre os quais: dublagens, danças, caretas, exibicionismos, tendências diárias, exposição e divulgação de trabalhos pessoais. Pode-se achar entre os seus geradores de conteúdo desde pessoas bem simples até famosos artistas. Se o gerador de conteúdo possui um grande número de seguidores, ele é considerado um influencer, chamando a atenção então de mecanismos de geração de renda dentro do próprio aplicativo⁹⁷.

De plataformas como essas surgem os *influencers*, pessoas que se tonam muito conhecidas por terem muitos seguidores e os influenciar com seus ensinamentos. Por isso, a Igreja não pode ficar indiferente a esses novos meios de comunicação. “De modo espontâneo, já surgiram conteúdos evangelizadores no TikTok, como vídeos curtos com trechos mais relevantes de uma homilia bem preparada, pequenos bons exemplos de fé no dia a dia, testemunhos de uma graça recebida animando os que passam por alguma dificuldade”⁹⁸.

Mas, como já dissemos antes, preparar-se é fundamental para que a presença dos crentes seja um diferencial. Não basta apenas ter a ferramenta. É necessário ter um bom conteúdo. Além disso, esse desejo de anunciar a fé no ambiente digital deve ser apoiado pelo Magistério da Igreja, que pode ser uma ponte entre a fé cristã e a cultura midiática digital.

Muitos cristãos estão percebendo os desafios que a cultura digital oferece ao anúncio da fé no ambiente digital e estão se dedicando para oferecer orientações que guiem aqueles que desejam levar o Evangelho a tantas pessoas que caminham pelas estradas digitais.

⁹⁷ COELHO, Renato Arnellas. O verdadeiro desafio do TikTok. *Teocomunicação*, Porto Alegre, p. 2.

⁹⁸ COELHO, Renato Arnellas. O verdadeiro desafio do TikTok. *Teocomunicação*, Porto Alegre, p. 4.

O ser humano está em constante mudanças e isso impacta seu *habitat*, costumes, cultura, visão de mundo. Estamos bem familiarizados pelos nossos estudos com o “*Homo sapiens*” que significa o homem sábio. “Uma perspectiva de mudança de época como a que se está vivendo gera uma nova antropologia e um novo humanismo. A construção da subjetividade individual está hoje totalmente atravessada pelas tecnologias digitais. Já se debate sobre o “*homo digitalis*”⁹⁹. A busca de compreender o *homo digitalis* não é de demonizar as inovações ou invenções tecnológicas, mas ajudar numa educação que oriente no bom uso e que não restrinja o ser humano ao isolamento e uma falsa liberdade, uma vez que, de posse de um aparelho ligado à internet, o sujeito pode visitar muitos lugares sem sair do local onde está fisicamente. Hoje, por exemplo, é possível as pessoas pedirem lanches, realizar pagamentos bancários e tantas outras atividades pelo simples aplicativo instalado em seu celular. Esse comportamento de um certo isolamento do *homo digitalis* pode ser transferido para a experiência de fé. Segundo Gripp:

Esta característica também evidencia a vivência de uma fé não institucional, sem comunidade, voltada para a satisfação pessoal. Muitas pessoas acreditam em Deus, declaram-se católicas, mas não se encaixam em nenhuma comunidade territorial. A cultura digital não é totalmente ateia, mas também não é religiosa¹⁰⁰.

Encontros on-line e missas transmitidas são, sem dúvida, uma oportunidade para pessoas que estejam impossibilitadas de saírem de casa, até mesmo que estejam em hospital. Mas a relevância do encontro em comunidade é um fundamento da partilha do Pão e da Palavra. “O *homo digitalis* tem como um de seus grandes problemas o viver um isolamento voluntário, fechado em uma ‘bolha informacional’, que o levará a uma situação de miséria espiritual¹⁰¹”.

Por certo, “estar conectado é menos custoso do que estar engajado”. Os relacionamentos numa rede digital não exigem um ritmo específico. Cada um estabelece o seu ritmo, não fazendo mais sentido estar preso a uma programação estabelecida por uma instituição/autoridade. Pode-se “desconectar” sempre que achar necessário e só retornar o contato quando for conveniente. Como os vínculos são

⁹⁹ SOUZA, A. D. G. *Infopastoral: diálogo entre fé e cultura digital*. Uma análise a partir de documentos do Magistério da Igreja. 229 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifício Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

¹⁰⁰ SOUZA, A. D. G. *Infopastoral*, p. 76.

¹⁰¹ SOUZA, A. D. G. *Infopastoral*, p. 74.

estabelecidos devido às necessidades de momento, que podem mudar num instante seguinte, aquele "comprometimento" anterior perde o sentido¹⁰².

É necessário reconhecer que os avanços tecnológicos estão transformando a relação das pessoas com o mundo e com as outras pessoas. Esse é um desafio para os missionários digitais que sempre precisam insistir na redescoberta do valor de estar em comunidade e o incondicional valor da vida humana, com suas forças e fragilidades.

Muitos estudiosos apresentam em suas teorias que estamos em uma mudança de época, caminhando da inteligência cultural para uma inteligência artificial.

A inteligência artificial já é uma realidade no nosso cotidiano. Quando usamos o celular com centenas de recursos, somos impactados com a inteligência artificial, que nos apresenta mensagens onde estamos e opções para buscarmos o que queremos. A inteligência artificial está no carro, quando usamos aplicativos para navegar e nos deslocar. São milhares de aplicativos para solucionar inúmeros desafios em todas as dimensões, graças à inteligência artificial. Isso tudo não é mais do que transferir nosso aspecto cognitivo para um *software*, otimizando nossos processos¹⁰³.

Segundo o autor Oriolo, que enxerga positivamente esse avanço tecnológico, a “inteligência artificial vai nos ajudar no conhecimento e no aprofundamento dos grandes desafios que se apresentam à Igreja para o cumprimento de sua missão, visão e valores em relação ao mundo. Ela vai garantir meios e abrir horizontes para lançar as sementes do Verbo¹⁰⁴”.

Aqui poderíamos fazer uma alusão à passagem bíblica em que Jesus diz: “Avance para águas mais profundas, e lancem as redes para a pesca” (Lc 5,4). Hoje as águas profundas podem representar esses novos desafios para a evangelização. Por isso, frente aos avanços tecnológicos, a presença da Igreja no ambiente digital deve ser sempre um anúncio profético de que todas as invenções humanas podem auxiliar o ser humano, mas, ao mesmo tempo, nunca podem ser igualadas à dignidade da pessoa. A esse respeito, o teólogo Paolo Benanti¹⁰⁵ afirma:

¹⁰² SOUZA, A. D. G. Infopastoral, p. 77.

¹⁰³ ORIOLO, Edson. Evangelização on-line, p. 68-69.

¹⁰⁴ ORIOLO, Edson. Evangelização on-line, p. 70.

¹⁰⁵ Paolo Benanti é um religioso franciscano na Terceira Ordem Regular. É professor na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Pesquisador das áreas de Ética, Bioética e Ética da tecnologia. Em particular estuda internet e impacto do Digital Age.

“É preciso criar uma linguagem universal que coloque o ser humano no centro: uma *algorética* que recorde constantemente que a máquina está a serviço do ser humano, e não o contrário.”¹⁰⁶

E acrescenta:

Pensar uma *algorética* significa pensar um desenvolvimento da inovação. Utilizar eticamente a tecnologia hoje significa tentar transformar a inovação em desenvolvimento. Significa dirigir a tecnologia para e pelo desenvolvimento, e não simplesmente buscar um progresso como fim em si mesmo. Embora não seja possível pensar e realizar a tecnologia sem formas de racionalidade específicas (o pensamento técnico e científico), pôr o desenvolvimento no centro das atenções significa dizer que o pensamento técnico-científico não basta em si mesmo. São necessárias diversas abordagens, incluindo a humanística e a contribuição da fé. Para a tecnologia e para o nosso futuro, precisamos de um desenvolvimento que eu já defini como “gentil”. A ética é isso, e as escolhas éticas são aquelas que vão na direção de um desenvolvimento gentil.¹⁰⁷

O nosso *querigma* tem a missão de pautar sempre o compromisso ético de não permitir que a inteligência artificial seja mais um avanço científico que aumente a desigualdade social, mas sim que esteja a serviço de um mundo mais fraterno. Nesse sentido, em uma de suas entrevistas, Benanti enfatizou o compromisso que a Igreja vem desempenhando com temas relevantes para todo o mundo e seu papel fundamental como perita em humanidade:

A Igreja entende-se como “perita em humanidade”. É uma instituição que, como tal, está presente em toda a parte. Recolher e oferecer a vida do homem de hoje em todas as suas grandes aspirações, os seus sonhos, mas também as suas fragilidades e os seus receios, é o primeiro terreno fértil onde a Igreja oferece uma reflexão ao mundo inteiro. Desde 2020, este tema habita e toca de várias maneiras as reflexões da Santa Sé. É claro que, como todas as grandes questões, também esta deve amadurecer no encontro desta riqueza de humanidade que vem de baixo, da presença pastoral, e desta capacidade de reflexão ligada inclusive ao Evangelho e à teologia. Esta grande atenção surge num momento em que o Santo Padre quis dar grande relevância a alguns temas globais, como o cuidado da Casa comum e a fraternidade. O cuidado da Casa comum e a fraternidade poderiam ser duas das grandes perspectivas, onde a Igreja oferece a sua contribuição singular, original e positiva para este debate. Não é suficiente apenas a contribuição política e industrial. Esta contribuição de humanidade, de uma humanidade que vive num ambiente, numa casa que é o nosso planeta, onde vivemos como irmãos, é uma contribuição de “humanização” da Inteligência Artificial, ou seja, de transformação do progresso em autêntico desenvolvimento humano, hoje tão necessário¹⁰⁸.

¹⁰⁶ BENANTI, P., *Inteligência artificial e ética: um estado da arte*, 2019.

¹⁰⁷ BENANTI, P., *Algorética e o colonialismo digital*, 2021.

¹⁰⁸ BENANTI, P. *A inteligência artificial permaneça ao serviço do bem comum*, 2024.

O Papa Francisco confirma essa atuação da Igreja com sua Mensagem para o Dia Mundial da Paz, celebrada no dia 1º de janeiro com o tema: inteligência artificial e paz. Na mensagem deste ano de 2024, ele tratou sobre muitos aspectos dos progressos, limites e desafios em relação à inteligência artificial. Anteriormente já mencionamos a importância da postura ética que os cristãos devem assumir em relação aos avanços tecnológicos e o Papa Francisco chama atenção para os impactos desses avanços na vida principalmente dos mais pobres:

Neste contexto, não podemos deixar de considerar o impacto das novas tecnologias no âmbito laboral: trabalhos, que outrora eram prerrogativa exclusiva da mão-de-obra humana, acabam rapidamente absorvidos pelas aplicações industriais da inteligência artificial. Também neste caso, há substancialmente o risco duma vantagem desproporcionada para poucos à custa do empobrecimento de muitos. A Comunidade Internacional, ao ver como tais formas de tecnologia penetram cada vez mais profundamente nos locais de trabalho, deveria considerar como alta prioridade o respeito pela dignidade dos trabalhadores e a importância do emprego para o bem-estar econômico das pessoas, das famílias e das sociedades, a estabilidade dos empregos e a equidade dos salários¹⁰⁹.

Devemos olhar para esses avanços positivamente com as melhorias que podem oportunizar para a humanidade, mas sem deixar de refletir como poderemos ajudar aqueles que podem ser impactados de modo negativo, como ilustrou o Papa Francisco.

O *querigma* da Igreja deve promover paz, justiça, solidariedade e o desejo de que todas as pessoas de boa vontade tenham condições de viver com dignidade. Assistimos muitas guerras em nosso tempo, discursos de ódio. Como estamos nos posicionando frente a tudo isso? O que estamos fazendo para promover a paz? O Papa Francisco, como um “*influencer* de Deus”, nos dá o exemplo no final de sua mensagem com um sincero desejo:

Espero que esta reflexão encoraje a fazer com que os progressos no desenvolvimento de formas de inteligência artificial sirvam, em última análise, à causa da fraternidade humana e da paz. Não é responsabilidade de poucos, mas da família humana inteira. De fato, a paz é fruto de relações que reconhecem e acolhem o outro na sua dignidade inalienável, e de cooperação e compromisso na busca do desenvolvimento integral de todas as pessoas e de todos os povos¹¹⁰.

¹⁰⁹ FRANCISCO, Papa. Mensagem para Celebração do Dia Mundial da Paz: Inteligência Artificial e Paz, 2024.

¹¹⁰ FRANCISCO, Papa. Mensagem para Celebração do Dia Mundial da Paz: Inteligência Artificial e Paz, 2024.

Temos muitos desafios, e a humanidade ainda passará por muitas evoluções, não apenas no campo tecnológico, mas na compreensão da corporeidade no ambiente digital; a relação do ser humano com o sagrado, dentre outras. Nesse sentido, vale a pena se perguntar: Como poderemos imaginar o ser humano do futuro? Benanti nos oferece uma resposta satisfatória e ao mesmo tempo preocupante: “O que sabemos é que a figura do homem que habitará o nosso futuro é a de um ser errante e curioso. Se souber aceitar um chamado espiritual voltará a ser um viajante, caso contrário estará condenado a ser um andarilho e sem rumo¹¹¹”.

Diante disso, podemos elaborar mais algumas perguntas: Qual será o papel de Deus no futuro? A inteligência artificial pode substituir Deus? O teólogo Paolo Benanti apresenta uma reflexão que vem ao encontro dessas perguntas:

O tema não será a relação entre Deus e a IA, mas sempre a atitude de nós, homens, com a IA. Porque temos a tendência de criar ídolos, e poderemos ter pessoas que recorreriam às IAs em forma oracular, ou seja, como se fossem oráculos a quem pedir adivinhações, para resolver nossos dilemas existenciais de uma forma que se tornaria falso divino. E então a questão será se o homem procurará na IA um deus que possa controlar, uma espécie de varinha mágica ao estilo Harry Potter que conserta o que está errado. Na prática, o risco é que se olhe para a Nuvem, onde reside a IA, e não para o Céu, e que as IAs sejam consideradas as novas divindades¹¹².

As realidades apresentadas nesse tópico dialogam com as expectativas e desafios ao anúncio do Evangelho. A Igreja tem demonstrado que está disposta a acompanhar esses avanços e refletir os impactos na vida das pessoas. O anúncio querigmático nesse contexto não é reservado apenas para a Pastoral da Comunicação, mas para todo o Povo de Deus, que é chamado a caminhar no espírito de sinodalidade, buscando sempre oportunidades para evangelizar e promover a paz. No próximo tópico apresentaremos o desafio de uma pastoral catequética que esteja disposta a compreender as mudanças humanas e teológicas como oportunidade de reflexão para a sua atuação em tempos de redes.

¹¹¹ BENANTI, P., Digital Age. Teoria del cambio d'epoca. Persona, famiglia e società, p. 188-189. Tradução nossa.

¹¹² BENANTI, P. A dúvida que inteligência artificial precisa, 2024.

3.2 CATEQUESE EM TEMPOS DE REDES

Antes de adentrarmos em nossa reflexão a respeito de uma catequese em tempos de redes, precisamos entender o que é catequese. Nesse sentido, o Catecismo da Igreja Católica apresenta uma definição ampla sobre catequese e um dos parágrafos a define como um “conjunto de esforços empreendidos na Igreja para fazer discípulos, para ajudar os homens a crerem que Jesus é o Filho de Deus, a fim de que, por meio da fé, tenham a vida em nome dele, para educá-los e instruí-los nesta vida, e assim construir o Corpo de Cristo” (CIC, 4). Depois do primeiro anúncio ou, como apresentamos anteriormente, de receber o *querigma*, a fé que foi suscitada no coração do crente deverá despertar para uma vivência em comunidade e as razões de crer. Nesse momento entra a missão da catequese como orientação no caminho de descobertas e aprofundamento da fé na dinâmica de ser uma catequese com abertura de mentalidade para compreender a geração atual que, segundo Benanti, seria a “geração ômega” e que, “na verdade, a geração ômega deve responder, de uma forma que não possa mais ser adiada, a algumas questões fundamentais sobre a nossa natureza humana”¹¹³. As questões seriam “a relação da humanidade com o seu meio ambiente; a relação da humanidade com a tecnologia; a relação da humanidade consigo mesma” (Benanti, p. 189).

O teólogo Benanti também ressalta que a “Geração Ômega pode não ser simplesmente a próxima geração italiana, europeia ou americana, mas a próxima e primeira geração transversal no cenário mundial. E, dada a natureza inerentemente global dos seus desafios, a geração verdadeiramente global” (Benanti, p. 189).

É nesse contexto de mudanças e de uma geração global que a catequese em tempos de rede tem o desafio de uma ação catequética que mude sua forma de transmissão da fé que não pode mais ser pensada como uma ação que ensina e outros recebem o conteúdo, mas uma troca de experiência, em que a pedagogia catequética deve contribuir para o enfrentamento dos desafios e para recepção das possibilidades que a cultura digital apresenta para prática da catequese, como a compreensão dessa geração que terá uma forma de agir e ver o mundo.

¹¹³ “Di fatto la generazione omega deve rispondere, in un modo che ormai non è più ulteriormente rimandabile, ad alcune domande fondamentali sulla nostra natura umana” (tradução nossa).

Com a compreensão de uma geração global e conectada, a catequese é impactada em seu modo de existir. A teóloga Aline Amaro¹¹⁴, atuante na pesquisa sobre a atuação da catequese em tempos de rede, apresenta a catequese na era digital:

Refere-se ao entendimento das características da cultura, do sujeito e do contexto atuais, identificando o efeito desses fatores no pensar e agir catequético. A formação sobre catequese na era digital pode ser sintetizada em quatro etapas: desenvolver o processo de *metanoia* digital; adotar o modelo eclesiológico de uma Igreja em saída e relacional que encara o desafio de ir ao encontro das mulheres e homens de hoje e se conectar com seus anseios, situações, dores e alegrias; ir a fundo no conhecimento desse sujeito com quem eu quero me relacionar; por fim, pensar no melhor conteúdo e na melhor forma de compartilhar as riquezas e vivência da nossa fé¹¹⁵.

A atuação da catequese nesse novo contexto exige uma mudança de mentalidade e um desejo de renovação no sentido que é imprescindível novas iniciativas para o agir catequético. Uma iniciativa nova é a presença dos catequistas no ambiente digital para conhecer as novidades desse ambiente e interagir com o mundo que seus catequizandos estão e um modo de cultivar um elo da comunidade com a família do catequizando uma vez que o catequista é expressão de sua comunidade, favorecendo um auxílio importante também na inserção da família do catequizando no ambiente digital.

Sobre essa interação na catequese digital, a professora Aline apresenta experimentos catequéticos em dois estágios: migratório e o criativo.

No estágio migratório, ocorre a simples transposição do método e do conteúdo trabalhado no ambiente físico para o ambiente digital, buscando uma experiência de encontro digital o mais semelhante possível com a do encontro físico. É o estágio em que geralmente se encontram as iniciativas catequéticas digitais e onde elas estacionam também, numa mera adaptação, embora seja super válido, necessário e louvável esforço.

¹¹⁴ Doutora (bolsa Capes) e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com doutorado sanduíche (bolsa PDSE/Capes) na Ruhr Universität Bochum, Alemanha. Fez estágio pós-doutoral (Coimbra Group Scholarship Programme) na Universidade de Graz, Áustria. Jornalista graduada pela PUCRS. Professora Adjunta da PUC Minas, atuando na Faculdade de Comunicação e Artes, na Faculdade de Teologia e no Mestrado Profissional em Teologia do Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa (IFTDJ). Coordenadora e professora da Especialização em Protagonismo Feminino na Igreja (IEC/ PUC Minas). Professora da Pós-graduação em Espiritualidade e Estudos da Consciência da PUCRS. Membro do Grupo de Reflexão sobre Comunicação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (Grecom/CNBB), colaborando na atualização e ampliação do Diretório de Comunicação da Igreja Católica no Brasil.

¹¹⁵ SILVA, Aline Amaro da. Catequese digital, p. 180-181.

Na fase criativa, a ambientação com os mecanismos básicos, a linguagem e a cultura do digital já foram feitas. Agora começamos a nos comunicar e nos relacionar com mais segurança e naturalidade. Se não somos nativos digitais, ao menos somos imigrantes digitais bem naturalizados no novo ecossistema. Neste momento, começamos a produzir iniciativas originais e formatos próprios da dinâmica digital, utilizando os recursos disponíveis de maneira criativa e inovadora. Embora na catequese poucos estejam nessa fase, este é o estágio a que almejamos chegar¹¹⁶.

Ao analisarmos esses dois estágios propostos pela professora Aline, entendemos que o desejo sincero de promover a cultura do encontro é o essencial, pois uma experiência não elimina a outra. Numa comunidade, os encontros catequéticos podem acontecer em um espaço físico e, num outro momento, para manter um elo entre o grupo, pode acontecer, por exemplo, a reza de um terço no ambiente digital, com a utilização, no espaço físico, de recursos como aplicativos instalados nos celulares dos catequizandos. Todos esses esforços são para que a experiência catequética não reproduza uma sala de aula, onde o objetivo seja passar conteúdos, pois “a catequese corre o risco, tanto no ambiente físico quanto no digital, de ser um momento aparente, que não leva a um verdadeiro encontro com Deus e não transforma a vida dos catequizandos, de suas famílias e do catequista¹¹⁷”.

A catequese deve promover o sentido de pertença de partilha da fé, ou seja, da importância de que somos comunidade, Corpo de Cristo, e não meros espectadores, pois a experiência profunda com Deus deve despertar nos crentes o compromisso do discipulado e o testemunho da fé recebida.

O padre Pedro Guimarães¹¹⁸, acompanhando a presença católica inserida na realidade digital, propõe três áreas de encontro “*onlife*¹¹⁹” que podem ser apresentados na catequese. As áreas são: Lectio Digital, Dieta Digital e Caridade Digital.

¹¹⁶ SILVA, Aline Amaro da. Catequese digital, p.182.

¹¹⁷ SILVA, Aline Amaro da. Catequese digital, p.184.

¹¹⁸ Pertence à Província Portuguesa da Congregação da Missão. Licenciado em Teologia pela Universidade Católica Portuguesa – Lisboa. Licença Canônica em Teologia Pastoral na área da Comunicação na Universidade Lateranense – Roma.

¹¹⁹ Em vista dos recentes estudos de filósofos da tecnologia e da informação, como o italiano Luciano Floridi, não faz mais sentido definir a atividade evangelizadora da Igreja no ambiente digital como ciberpastoral. Como o próprio comprovou em suas pesquisas, no atual contexto de desenvolvimento das tecnologias digitais, não há mais divisão entre tempo on-line e off-line, assim como não há mais limite estabelecido entre o físico e o digital, pois essas realidades intercambiam elementos de existência mutuamente e criam uma dinâmica de vida *onlife*. (SOUZA, A. D. G. Infopastoral, p. 208).

A leitura orante é uma prática muito antiga na Igreja e, hoje, com a realidade das pessoas poderem ter a Bíblia no celular, a proposta de Guimarães de incentivar a leitura da Palavra de Deus e “consolidar a Lectio Divina para o espaço digital, a fim de que a reflexão sobre a Palavra de Deus pudesse ser uma partilha entre um grupo específico¹²⁰” é interessante, pois contribui para que as pessoas, para além de terem contato, possam se conscientizar da importância da Palavra de Deus para suas vidas e reconhecê-la como fonte de toda a catequese.

A outra proposta apresentada por Guimarães é a Dieta digital para recordar a importância do silêncio interior, pois segundo ele “pensamos que ofertas com tempo e espaço determinados podem ser um convite ao encontro, ao silêncio e à contemplação, seja da natureza, seja da própria pessoa, como criatura de Deus. Dieta esta que não quer necessariamente ser fuga dos *media*, mas uma proposta de atividades a partir da fotografia, do vídeo ou da música como ponto de partida para respostas às nossas sedes mais profundas¹²¹”. Com as mudanças culturais provocadas pela cultura digital, essa proposta pode parecer absurda para alguns. Não apenas as crianças, mas os adultos sofrem hoje de uma dependência tecnológica. Observando isso na catequese, vemos a dificuldade de concentração. Nesse sentido, o papel da catequese seria de uma educação para o bom uso dos *media*. O Diretório de comunicação da Igreja do Brasil expõe essa importância para toda missão da Igreja, chama-a educomunicação e assim a define:

[...] é a educação para uma comunicação dialógica, necessita de fundamentos teológicos, pastorais, educacionais e psicossociais que garantam sustentação às experiências de vida comunitária compartilhada. A mais notável dessas referências é o testemunho herdado dos primeiros cristãos, notados e admirados pelos que com eles conviviam justamente pelas atitudes de acolhida e de dedicação mútua (cf. At 2,42-46; 4,32). A firmeza da fé, a mansidão, a humildade, a caridade e a capacidade de acolher a todos são virtudes de um comunicador cristão capaz de gerar um ambiente favorável à partilha da palavra, no mais essencial gesto de comunicação: o diálogo. A educação para a comunicação cristã passa pela consideração do sentido que Jesus e a comunidade primitiva davam à comunicação, no espaço da comunidade e na relação da comunidade com o seu entorno (DCIB, 2023, n. 284).

Esse olhar da Igreja para o processo comunicativo chama a atenção para a relação do uso dos meios de comunicação, mas, sobretudo, para as relações entre as pessoas que também

¹²⁰ GUIMARÃES, Pedro. *A comunicação da Igreja é um encontro*, p. 141.

¹²¹ GUIMARÃES, Pedro. *A comunicação da Igreja é um encontro*, p. 141-142.

passam por uma comunicação de gestos concretos e que pode ser testemunhada no ambiente digital.

A terceira e última proposta do Pe. Guimarães é justamente nessa perspectiva do que ele chama de Caridade digital: “Fazer do ambiente digital um espaço através do qual se organize a caridade, capaz de acolher, divulgar e congregar. Uma das soluções poderia passar pelo desenvolvimento de um aplicativo que, sendo rosto de um grupo sociocaritativo, fomenta o “banco do tempo”, uma lista de necessidades ou campos de ação¹²²”.

Esse itinerário comunicativo pensado na ação catequética em tempo de redes concretiza sua ação em vivenciar uma experiência de fé no tempo e espaço que vivemos. E ilumina um segundo aspecto fundamental que é a linguagem. Poderíamos dizer que as mudanças de linguagens estão relacionadas ao modo que a sociedade se organiza e evolui. A respeito disso afirma o Diretório de Catequese:

A linguagem da catequese inevitavelmente permeia todas as dimensões da comunicação e suas ferramentas. As profundas mudanças na comunicação, evidentes no âmbito técnico, produzem mudanças no âmbito cultural. As novas tecnologias criaram uma nova infraestrutura cultural que influencia a comunicação e a vida das pessoas. No espaço virtual, que muitos consideram não menos importante que o mundo real, as pessoas obtêm notícias e informações, desenvolvem e exprimem opiniões, se envolvem em debates, dialogam e buscam respostas para suas perguntas. Não valorizar adequadamente esses fenômenos leva ao risco de se tornar insignificantes para muitas pessoas” (DC, 213).

A iniciação à vida cristã está inserida num movimento comunicativo e experimental na transmissão da fé. A linguagem advinda da cultura digital é realidade e impacta o modo das pessoas compreenderem o mundo. Por isso, para que a comunicação seja assertiva, a linguagem na catequese deve buscar ser inculturada, a fim de encontrar os elementos da comunicação contemporânea, que favoreçam o desejo de abraçar a fé de modo consciente.

As formas de fazer catequese ou, se quisermos dizer também, o desafio de uma ação catequética, que compreende que a inculturação é um esforço, para que a linguagem tenha características dos tempos atuais e que isso significa apresentar a mensagem do Evangelho, que vai ao encontro da busca das pessoas e é acolhido porque é entendido, além de ser um anseio

¹²² GUIMARÃES, Pedro. *A comunicação da Igreja é um encontro*, p. 142.

do conhecimento racional sobre a fé, promove a experiência profunda com Jesus Cristo. Diante disso, no próximo tópico aprofundaremos essa acolhida da Boa-nova como um convite para a vivência da fé no cotidiano.

3.3 VIVÊNCIA DA FÉ EM TEMPOS DE REDES

A transmissão da fé se dá num processo que começa na comunidade, que oferece o anúncio do Evangelho, que possibilita a escuta da Boa-nova e a oportunidade do amadurecimento desse anúncio por meio da catequese e, por fim, o chamado ao discipulado que todo batizado é chamado a viver e assumir a missão de testemunhar sua fé. A sociedade passa por evoluções e, nesse sentido, a cultura digital exige uma reflexão e interação criativas sobre a vivência da fé cristã em tempos de rede. O Diretório de Comunicação apresenta essa perspectiva da caminhada de fé como um processo vivencial:

A iniciação à vida cristã coloca-se, hoje, na perspectiva da evangelização entendida como um processo comunicativo em três etapas articuladas e integradas entre si: a) querigma ou primeiro anúncio, b) catequese e c) ação pastoral (cf. DNC, n. 33).

Assim, a catequese possibilita que o primeiro anúncio se aprofunde, por meio da explicação da doutrina e do diálogo continuado sobre a vivência do Evangelho nas diversas etapas da vida. E na ação pastoral acontece a vivência do compromisso com o projeto de Deus que a catequese despertou. É válido salientar que essas etapas ganham sentido à medida que se descobre a beleza do Evangelho como um todo. A catequese “não se limita mais a ser um mero momento de crescimento mais harmonioso da fé, mas contribui para gerar a própria fé, permitindo descobrir sua grandeza e credibilidade. O anúncio não pode ser mais considerado simplesmente a primeira etapa da fé, prévia à catequese, mas sim a dimensão constitutiva de cada momento da catequese” (DCq, n. 57).

A lógica da rede pode ampliar o sentido da comunhão e, principalmente, no período da pandemia demonstrou essa possibilidade de uma experiência de fé vivida individual ou comunitariamente no ambiente digital. Alguns grupos se organizam no ambiente digital, não por falta de espaço físico, mas por encontrarem nele um espaço para congregar pessoas que, por vezes, se sentem excluídas ou buscam formar grupos que emergem de um descontentamento com suas comunidades. O pesquisador Sbadelotto exemplifica isso fazendo uma analogia de realidades:

No Brasil, nos anos da ditadura militar, um dos principais frutos do Concílio Ecumênico Vaticano II na América Latina: as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Tratava-se de uma nova experiência de Igreja, de comunidade e de fraternidade, em que emergiu outra forma de ser Igreja. Em tempos de rede, podemos questionar se não estaríamos, hoje, diante da emergência de “comunidades eclesiais digitais” (ou CEDs), que atualizariam, em outros “meios” e em outros “ambientes” (agora midiáticos), a mesma busca e necessidade de experiência religiosa, de vínculo interpessoal, de cidadania eclesial, de autonomia para apostolado leigo¹²³.

Essa explanação deve ser entendida como uma reflexão pertinente para os dias atuais, considerando as possibilidades de ampliação que a lógica da rede pode oferecer para a evangelização. “Não seriam tais formações em rede também ‘outra forma de ser Igreja’, que emergiria a partir da insuficiência das experiências comunitárias eclesiais existentes diante de novos desafios contemporâneos, ou a partir da inexistência de ambientes comunitários eclesiais capazes de acolher e integrar as ‘periferias existenciais’, como no caso das CEBs¹²⁴”?

Essa interrogação pode ser alargada também para os jovens, em especial os nativos digitais que, cada vez mais, passam muitas horas no ambiente digital. A sociedade, de modo geral, está inserida num cenário de novas experiências no campo da cultura digital. A Igreja tem de buscar iniciativas para pensar de modo profundo como as pessoas estão vivendo a fé, a relação com a Igreja e as transformações que estão acontecendo no mundo. Mas, segundo o pesquisador Sbardelotto, isso também exige da Igreja muita cautela.

Do ponto de vista eclesial, trata-se de compreender as diversas e complexas mediações que organizam hoje a “unidade comunicativa dos fiéis”, que, ontem como hoje, caracteriza a Igreja como uma “comunidade de comunicação intra-histórica”, como afirma o teólogo padre jesuíta alemão Medard em tempos de rede de relações comunicacionais, em suas luzes e sombras, que, na internet envolvem uma maior maleabilidade, heterogeneidade e interconectividade dos vínculos sociais.

“Onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, Eu estou aí no meio deles” (Mt 18,20). O “onde” – em rede ou fora dela; nas bases ou na internet – é quase irrelevante: o importante é reunir-se em comunidade no nome de Jesus Cristo, assumindo uma consciência-vivência cristã e eclesial¹²⁵.

¹²³ SBARDELOTTO, M. *Comunicar a fé*, p. 176.

¹²⁴ SBARDELOTTO, M. *Comunicar a fé*, p. 176.

¹²⁵ SBARDELOTTO, M. *Comunicar a fé*, p. 177.

O papa Francisco tem ensinado, com seus gestos, a importância da escuta e acolhida do diferente e isso tem sido impulsionado na prática por meios de encontros em níveis mais abrangentes com representantes não apenas do clero, oportunizando visões diversas sobre os novos “sinais dos tempos”. Sendo uma instituição milenar, a Igreja pode correr o risco de se fechar em si mesma e não abrir espaços para discutir o seu agir e existir no mundo atual. Mas, de maneira positiva, conforme Paolo Ruffini, a Igreja tem se colocado numa postura pastoral de reflexão e se interrogado sobre a sua presença eficaz e testemunho.

Além destas reflexões, a participação prática da Igreja nas redes sociais também tem sido eficaz. Um momento recente demonstrou claramente que a mídia digital é um instrumento poderoso para o ministério da Igreja. Em 27 de março de 2020, ainda nas fases iniciais da pandemia da Covid-19, a Praça de São Pedro estava vazia, mas cheia de presença. Uma transmissão televisiva ao vivo permitiu ao Papa Francisco presidir a uma experiência global transformadora: uma oração e uma mensagem dirigida a um mundo em confinamento. No meio de uma crise de saúde que ceifou a vida de milhões de indivíduos, pessoas no mundo inteiro, em quarentena e em isolamento, sentiram-se profundamente unidas entre si e ao sucessor de Pedro.¹²⁶(n.4)

Essa postura de criar comunhão e fazer que o bem possa alcançar a humanidade deve ser assumida por todos. Os perigos de exclusão no ambiente digital e diversas formas de prejudicar as pessoas com falsas notícias apresenta-se como o lado ruim da cultura digital. Isso porque também existe a lógica do mercado e do poder de alguns grupos que usam dessas evoluções tecnológicas para tirar proveito dos menos favorecidos. Segundo Ruffini, muitos não pensam com a lógica do Evangelho que ensina sobre a fraternidade. E isso se dá por várias razões.

Em primeiro lugar, ainda nos deparamos com uma “desigualdade digital”. Embora esta evolução se mova mais rapidamente do que nossa capacidade de a compreender de maneira adequada, muitas pessoas continuam a não ter acesso, não só às necessidades básicas, como alimentos, água, roupas, moradia e assistência médica, mas inclusive às tecnologias de comunicação e informação. Isto deixa um grande número de excluídos, marginalizados, à beira do caminho.

Além disso, uma “desigualdade nas redes sociais” torna-se cada vez mais aguda. As plataformas que prometem criar comunidade e aproximar o mundo, ao contrário, tornaram mais profundas várias formas de divisão¹²⁷ (n. 12).

¹²⁶ RUFFINI, Paolo. DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO: *Rumo à presença plena*.

¹²⁷ RUFFINI, Paolo. DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO: *Rumo à presença plena*.

Sabemos que as “desigualdade digitais” não se referem apenas às invenções tecnológicas, mas perpassa todas as realidades da sociedade e gera impactos em todas as esferas estruturais da sociedade. Por isso, Ruffini ressalta que é de suma importância que todos sejam agentes de transformação e comprometidos para superar as indiferenças existentes no mundo, a fim de que a cultura do encontro seja possível.

Em uma época em que estamos cada vez mais divididos, em que cada pessoa se retira na sua própria bolha filtrada, as redes sociais tornam-se um caminho que leva muitos à indiferença, à polarização e ao extremismo. Quando os indivíduos não se tratam uns aos outros como seres humanos, mas como meras expressões de um certo ponto de vista que não compartilham, testemunhamos outra expressão da “cultura do descarte”, que prolifera a “globalização” – e a normalização – “da indiferença”. Retirar-se no isolamento dos próprios interesses não pode ser o caminho para restabelecer a esperança. Pelo contrário, o caminho a percorrer é o cultivo de uma “cultura do encontro”, que promova a amizade e a paz entre pessoas diferentes¹²⁸ (n. 19).

Uma comunicação que promova a cultura do encontro pode gerar descobertas de caminhos que resultem na participação de todos. A contribuição inteligente do coletivo não permitirá que pessoas sejam descartadas e levará também a um comprometimento do cuidado com cada um, pois a rede, sendo um espaço de experiências, tem se tornado cada vez mais parte da vida cotidiana. O modo que a rede é conduzida pode incidir na maneira das pessoas viverem e pensarem. Um caminho que pode contribuir no discernimento da presença na rede e um testemunho comprometido com os valores do Evangelho é o cultivo espiritual. Não podemos esquecer que os desenvolvimentos tecnológicos criaram um novo espaço do modo das pessoas se perceberem e de se comunicarem com o mundo. Nesse sentido, o Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil ressalta:

Viver, rezar e comunicar integram-se formando um todo tanto no estilo e na elaboração da mensagem quanto na forma de anunciá-la. A mística do comunicador está relacionada com o seu processo criativo, sua busca por informações, seu modo de interpretar os fatos, de inovar a linguagem e buscar outros estilos de comunicar. Esta dinâmica de criar e produzir alimenta-se também do encontro com a beleza da Palavra, da arte, da literatura, da poesia e de tantas outras expressões de beleza. O comunicador é um místico, e o místico é um comunicador (DCIB, n. 79).

¹²⁸ RUFFINI, Paolo. DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO: *Rumo à presença plena*.

A espiritualidade que estamos abordando nessa reflexão vai além das práticas religiosas. É o modo de viver que se reflete na capacidade de se comunicar com o próximo e com o mundo. Comunicar com espiritualidade é mais que utilizar bem os meios de comunicação, é gerar comunhão. Uma escuta profunda, numa espiritualidade encarnada, com uma contemplação atenta às realidades que impactam a vida e apoiada nas diversas áreas do saber possibilitará reflexões sobre a vivência da fé e a evangelização na cultura digital.

Neste capítulo procurou-se articular o desafio da evangelização e a vivência da fé no contexto da cultura digital. No primeiro tópico sobre o *querigma* destacou-se que a evangelização deve estar centrada na pessoa de Jesus Cristo. E que a comunicação é essencial para estabelecer comunhão e promover esse anúncio. O desafio do *querigma* é compreender a cultura e a linguagem dos evangelizados, principalmente dos jovens. Sem desconsiderar os desafios éticos provocados pelos avanços tecnológicos, como o impacto na vida das pessoas.

No segundo tópico sobre catequese os desafios significativos de adaptação e renovação diante das transformações culturais. A catequese como um espaço de trocas de experiências não sendo considerado apenas como momento de transmissão de conhecimento. A linguagem da catequese interagindo com os elementos da comunicação para facilitar a compreensão e o acolhimento da mensagem do Evangelho.

E por fim no último tópico observou-se que a cultura digital demanda uma reflexão criativa sobre a vivência da fé em tempos de rede, permitindo experiências individuais e comunitárias no ambiente digital. Desafios e oportunidades para que os cristãos promovam a cultura do encontro e uma espiritualidade que fortaleça a comunhão em todos os contextos, incluindo o digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa sobre vivência da fé em tempos de rede vislumbra uma orientação: o mandato de Jesus Cristo que diz: “Ide por todo mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15), atualizando esse mandato de Nosso Senhor para o ciberespaço onde encontra-se o ambiente digital e que, de algum modo, pode impactar ou ressignificar a tradição ou as práticas religiosas. Esse movimento requer estudos que orientem sobre os métodos próprios desse espaço, suas linguagens e os impactos na vivência da fé para auxiliar a Igreja em sua missão.

Ao longo do percurso, fez-se necessário deter-se sobre o entendimento e o relacionamento da Igreja sobre a comunicação. Isto foi possível por meio de análises de documentos da Igreja em três etapas importantes de sua história: antes, durante e depois do Concílio Vaticano II, um acontecimento que foi um marco para vida da Igreja. O estudo desses documentos foi essencial para perceber a evolução da Igreja em relação à comunicação e seus desdobramentos. Um dos documentos que norteia, ainda que de modo simples, mas torna-se uma carta magna para a missão de todos que veem na comunicação um areópago com oportunidades e desafios para evangelização, foi o *Inter Mirifica*, um Decreto sobre a missão da Igreja na comunicação e aceitação oficial dos meios de comunicação para desenvolver um trabalho pastoral, por parte do magistério eclesiástico.

A missão da Igreja é fruto do tempo e da história, pois ela acompanha as mudanças que acontecem no mundo como também é impactada em suas práticas pastorais, como, por exemplo, no passado, pelas consequências de guerras mundiais, como mais recentemente com a pandemia do *Covid -19*. Este último acontecimento de impacto mundial incidiu fortemente na reflexão da Igreja sobre muitos aspectos e exigiu respostas pastorais.

Da promulgação do Decreto *Inter Mirifica* até os dias atuais, muitas pesquisas foram desenvolvidas, cada uma com os desafios próprios de sua época. A teologia está inserida na cultura do seu tempo. Compreendemos a cultura como conjunto de costumes, crenças e tradições realidades que constitui uma identidade de um povo, grupo social etc. Nesse sentido, nasce a ciberteologia como um esforço de refletir a vivência da fé na cultura digital e a evangelização de modo mais amplo na cibercultura.

Nessa perspectiva do anúncio e vivência da fé em tempos de rede, a ciberteologia deve ser considerada como inteligência da fé em tempos de rede, ou seja, reflexão sobre a

possibilidade de pensar a categoria de fé, tendo em conta a lógica da rede. Pudemos perceber em nossa pesquisa que os impactos advindos da presença das pessoas no ciberespaço podem, de algum modo, interferir nas práticas da fé. Tais efeitos podem se dar em outros campos da vida como no emocional, social, econômico. Nossa análise de algum modo privilegiou os aspectos da fé que não está dissociada das outras áreas já mencionadas.

Para além do já previamente conhecido sobre os riscos ou alienações que podem existir no ambiente digital, o estudo possibilitou reconhecer que a cultura digital pode, de algum modo, favorecer a cultura do encontro e que a transmissão da fé pode acontecer pela via das redes e que isso não seria uma substituição do contexto comunitário num espaço físico. Pelo contrário, enxerga nas redes mais uma oportunidade de aproximação e de partilha de vida e de ações que promovam a paz, campanhas de solidariedade, orações, etc.

No contexto da cibercultura a Igreja é chamada à missão pois se encontra diante de um novo campo missionário. Essa missão é o anúncio querigmático. “Lançai as redes para a pesca” (Lc 5,4). Os missionários digitais vão encontrar nas redes o *homo digitalis* ferido, afastado da Igreja, que vive ensimesmado, preso em uma bolha informacional, sem diálogo com o diferente, o que conduz à miséria espiritual. Tal realidade não deixa de apresentar desafios. Essa missão vai requerer testemunho de proximidade e de catequese para que o *homo digitalis* não substitua Deus pela tecnologia. A catequese deve, portanto, ensinar sobre *algorética*, recordando constantemente que a tecnologia está a serviço do ser humano, e não o contrário.

Concluimos que é imperativo desenvolver uma teologia da comunicação que estabeleça um diálogo profundo com as linguagens inerentes ao meio digital e compreenda as formas de expressão dos indivíduos nesse contexto. Constatamos que tal abordagem é fundamental para enriquecer a formação e as atividades das pastorais digitais, ajudando a transcender a dicotomia entre as esferas “real” e “virtual”. Isso implica a necessidade de cultivar nos cristãos uma consciência sobre a responsabilidade e a ética, fomentando um compromisso vitalício com uma práxis que não apenas ressoa a busca de significado pessoal, mas também atrai e influencia outros. A existência “virtual” do ser humano espelha e molda sua realidade “física”; conseqüentemente, os exemplos de engajamento e dedicação observados no ambiente online têm um impacto tangível e transformador no contexto offline.

REFERÊNCIAS

ALBERIGO, Giuseppe. *Transizione epocale: studi sul Concilio Vaticano II*. Bologna: Società editrice il Mulino, 2009.

BEOZZO, José Oscar. O Concílio Vaticano II. In: LORSCHIEDER, Aloísio; LIBANIO, João Batista; COMBLIN, José; VIGIL, José María; BEOZZO, José Oscar. *Vaticano II: 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2005.

BENTO XVI, Papa. Mensagem para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais: Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/communications/documents/hf_benxvi_mes_20130124_47th-world-communications-day.html>. Acesso em: 22 abr. de 2023.

BENTO XVI, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal Verbum Domini: sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. São Paulo. Paulus, 2010.

BENTO XVI, Papa. *Discurso aos participantes no congresso para os responsáveis pelas rádios católicas*. 20 de junho de 2008. Disponível em <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20080620_radio-cattolice.html> Acesso em 30 de janeiro de 2024.

BENANTI, P. Digital Age. Teoria del cambio d'epoca. Persona, famiglia e società. Milano: San Paolo, 2020.

BENANTI, P. Inteligência artificial e ética: um estado da arte. Entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos, 2019. Artigo digital. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591436-inteligencia-artificial-e-etica-um-estado-da-arte-artigo-de-paolo-benanti>. Acesso em: 11 jan. 2024.

BENANTI, P. Algorética e o colonialismo digital. Entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos, 2021. Artigo digital. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/607154-a-algoretica-e-o-colonialismo-digital-artigo-de-paolo-benanti>. Acesso em 11 jan. 2024.

BENANTI, P. A inteligência artificial permaneça ao serviço do bem comum. Entrevista ao L'ossessore Romano, 2024. Disponível em: <https://www.osservatoreromano.va/pt/news/2024-01/por-002/a-inteligencia-artificial-permaneca-ao-servico-do-bem-comum.html> . Acesso: 11 de jan. 2024.

BENANTI, P. A dúvida que a Inteligência Artificial precisa , 2024. Disponível em: <https://www.osservatoreromano.va/pt/news/2024-01/por-002/a-inteligencia-artificial-permaneca-ao-servico-do-bem-comum.html> . Acesso: 11 de jan. 2024.

BÍBLIA *do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2006.

BOMBONATTO, Vera Ivanise; ALTERMEYER JÚNIOR, Fernando. *Teologia e comunicação: corpo, palavra e interfaces cibernéticas*. São Paulo: Paulinas, 2012.

BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CAFFARENA, J. G. Linguagem religiosa. In: SAMANES, C. F.; TAMAYO-ACOSTA, J. *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 428-432.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 1999.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Trad. Roneide Majer. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

COELHO, Renato Arnellas. O verdadeiro desafio do TikTok. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 53, n. 1, p. 1-10, Jan./Dez. 2023.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum: sobre a Revelação Divina*. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbun_po.html. Acesso em: 03 mai. de 2023.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium: sobre a Igreja*. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 22 abr. de 2023.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes: sobre a Igreja no mundo de hoje*. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 22 abr. de 2023.

CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Inter Mirifica: sobre os meios de comunicação social*. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html. Acesso em: 22 abr. de 2023.

COMBLIN, José. *Teologia da missão*. Petrópolis: Vozes, 1973.

CORAZZA, Helena; PUNTEL, Joana. *Os papas da comunicação: estudo sobre as mensagens do Dia Mundial das Comunicações*. São Paulo: Paulinas, 2019.

CNBB. Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil. Documentos da CNBB 99. São Paulo: Edições CNBB, 2023.

DÍEZ, Felicíssimo Martínez. *Teologia da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 1997.

DOM, Oriolo Edson. *Evangelização on-line*. Coleção Ecclesia Digitalis. São Paulo: Paulus, 2023.

PPC EDITORIAL.ES. *Felicísimo Martínez Díez*. Disponível em: <<https://es.ppc-editorial.com/autores/felicisimo-martinez-diez>>. Acesso em: 22 abr. de 2023.

ESTRELLA, Fernanda. Do nascimento da rede até a ciberteologia. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 31, n. 3, p. 561-580, Set./Dez. 2016.

FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo. Paulus, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais*: Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 22 abr. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem para o 53º Dia Mundial das Comunicações Sociais*: Somos membros uns dos outros (Ef 4,25): das comunidades de redes sociais à comunidade humana. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20190124_messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 22 abr. 2023.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem para Celebração do Dia Mundial da Paz: Inteligência Artificial e Paz*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/20231208-messaggio-57giornatamondiale-pace2024.html> . Acesso em: 11 jan. 2024.

GARCÍA ROMERO, Pedro. *Comunicação e vida comunitária*: aspectos psicossociais e possibilidades. Trad. Carlos Maria Vasquez. São Paulo: Paulinas, 2002.

GOMES, Tiago de Fraga. A missão da Igreja em tempos de pandemia. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 337-353, Mai./Ago. 2021.

GRIPP, Andréia. *Infopastoral*: diálogo entre fé e cultura digital. Uma análise a partir de documentos do Magistério da Igreja. Tese (Doutorado em Teologia). Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

GRIPP, Andréia; MARTINS, Mario Roberto de Mesquita. A infopastoral como caminho para a interlocução entre o Evangelho e a cultura digital. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 52, n. 1, p. 1-9, Jan./Dez. 2022.

GUIMARÃES, Pedro. *A comunicação da Igreja é um encontro. A redescoberta da comunidade cristã como lugar de encontro na sociedade da informação*. Lisboa. Paulus Editora, 2021.

JOÃO XXIII, Papa. *Discurso Gaudet Mater Ecclesia*: na abertura solene do Concílio Vaticano II. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html>. Acesso em: 22 abr. 2023.

JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação Apostólica Catechesi Tradendae*: sobre a catequese do nosso tempo. Disponível em <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.html>.

Acesso em: 22 abr. 2023.

KASPER, Walter. *A Igreja católica: essência, realidade, missão*. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

KAUFMANN, Thomas; KOTTJE, Raymund; WOLF, Hubert. *História ecumênica da Igreja*. Trad. Irineu J. Rabuske. São Paulo: Paulus, Loyola; São Leopoldo: Sinodal, 2012, v. 1-3.

MACKENZIE, JOHN, L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais*. São Paulo: Paulus, 2016.

MELO, José Marques. *Comunicação eclesial: utopia e realidade*. São Paulo: Paulinas, 2005.

MORA C. A. Evangelizar la cibercultura: los retos de la ciberteología. *Veritas*, n. 38, p. 163-181, dez. 2017.

MOULINET, Daniel. *O Vaticano II contado aos que não o vivenciaram*. Trad. Tiago Risi Leme. São Paulo: Paulus, 2012.

PAOLI, Arturo. *Espiritualidade hoje: comunhão solidária e profética*. São Paulo: Paulinas, 1987.

PASSOS, J. D. Concílio Vaticano II: reflexões sobre um carisma em curso. São Paulo: Paulus, 2014, p. 203. [Comunidade e missão]

BEOZZO J. O. Concílio Vaticano II. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus e Paulinas, 2015, p. 189.

PIO X, Papa. *Carta encíclica Pascendi Dominici Gregis*: sobre as doutrinas modernistas. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-x/pt/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_19070908_pascendi-dominici-gregis.html>. Acesso em: 22 abr. 2023.

PIO X, Papa. *Carta encíclica Pieni L'Animo*: sobre o clero na Itália. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-x/en/encyclicals/documents/hf_p-x_enc_28071906_pieni-l-animo.html>. Acesso em: 22 abr. 2023.

PIO XI, Papa. *Carta encíclica Vigilanti Cura*: sobre o cinema. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_29061936_vigilanti-cura.html>. Acesso em: 22 abr. 2023.

PIO XII, Papa. *Carta Encíclica Miranda Prorsus*: sobre a cinematografia, a rádio e a televisão. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_08091957_miranda-prorsus.html>. Acesso em: 22 abr. 2023.

PIO XII, Papa. *Radiomensagem na Solenidade de Pentecostes por ocasião do 50º aniversário da encíclica Rerum Novarum de Leão XIII*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/speeches/1941/documents/hf_p-xii_spe_19410601_radiomessage-pentecost.html>. Acesso em: 22 abr. 2023.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Instrução Pastoral Communio et Progressio*: sobre os meios de comunicação social. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_23051971_communio_po.html>. Acesso em: 22 abr. 2023.

PONTIFÍCIO CONSELHO DE JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a catequese*. Trad. João Vitor Gonzaga Moura. São Paulo: Paulus, 2020.

PUNTEL, Joana T. *Comunicação: diálogo dos saberes na cultura midiática*. São Paulo: Paulinas, 2010.

PUNTEL, Joana T. *Cultura midiática e Igreja: uma nova ambiência*. São Paulo: Paulinas, 2008.

PUNTEL, J., Inter Mirifica – A Comunicação pela primeira vez num Concílio. Revista ESPAÇO, Instituto de Estudos Superiores (ITESP). São Paulo, dezembro de 2003. Disponível em: <https://espacos.itespteologia.com.br/espacos/article/download/501/402>. Acesso: 4/02/2024

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

RODRIGUES, LUÍS M. Figueredo. A cidade informacional como desafio pastoral. *Communio*, v. 33, n. 2, p. 179-186, 2016.

RUFFINI, Paolo. DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO: *Rumo à presença plena. Uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais*. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/dpc/documents/20230528_dpc-verso-piena-presenza_pt.html Acesso em: 4 de jan. 2024.

SANTAELLA, Lúcia. *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTO IRINEU. In: LITURGIA DAS HORAS. *Ofício das leituras*. São Paulo: Paulinas, 1985.

SANTOS, Rodolpho Raphael de Oliveira. Ciberteologia: a relação entre comunicação e fé no ambiente digital. *Revelatio*, São Paulo, v. 14, n. 25, p. 59-74, Jan./Jun. 2020.

SBARDELOTTO, Moisés. “*E o Verbo se fez rede*”: religiosidade em reconstrução no ambiente digital. São Paulo: Paulinas, 2017 (Col. Pastoral da Comunicação).

SBARDELOTTO, Moisés. *Comunicar a fé: Por quê? Para quê? Por quem?* Petrópolis: Vozes, 2020.

SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: pensar o Cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012.

SPADARO, Antonio. *Quando a fé se torna social*. São Paulo: Paulus, 2016.

SECONDIN, Bruno. *Espiritualidade em diálogo: novos cenários da experiência espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2002.

SILVA, Aline Amaro da. *Amigas e amigos no Amigo: uma cristologia comunicativa da amizade em tempos digitais e de pandemia*. Tese (Doutorado em Teologia). Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

SILVA, Aline Amaro da. *Catequese digital: por onde começar?* São Paulo: Paulus, 2021.

SILVEIRA, Avellar. *Espiritualidade e Sagrado no mundo cibernético: questões de método e vivências em Ciências da Religião*. São Paulo: Loyola, 2014.

SÍNODO DOS BISPOS. *13ª Assembleia Geral Ordinária: a nova evangelização para a transformação da fé cristã. Instrumentum Laboris*. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20120619_instrumentum-xiii_po.html>. Acesso em: 22 abr. 2023.

SOUZA, A. D. G. *Infopastoral: diálogo entre fé e cultura digital. Uma análise a partir de documentos do Magistério da Igreja*. 2022. 229 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifício Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

WORTON, D. *Informar não é comunicar*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

ZAGHENI, Guido. *A idade moderna: curso de história da Igreja*. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1999. v. 3.

ZAGHENI, Guido. *A idade contemporânea: curso de história da Igreja*. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1999. v. 4.

ZANON, Darlei. *O impacto da sociedade em rede sobre a Igreja católica: elementos para uma cibereclesiologia*. Lisboa: Paulus, 2012.

ZILLES, Urbano. *Fé e Razão no mundo da tecnociência*. São Paulo: Paulus, 2020.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br